

"O cristão é aquele que aderiu ao projeto de Deus, no seguimento de Jesus, e está portanto comprometido com a humanização de todos os homens e mulheres.

Então está igualmente comprometido com a construção de um mundo justo e fraterno, para que seja um cenário propício à humanização de todos, sem privilégios e exclusões.

Essa é a essência da fé cristã".

Neste número:

Os traços do homem novo

A reconquista da esperança

A mulher e a política

Dar aos homens o sentido da vida

Tempo de plantar, tempo de colher

Emprego e trabalho

Jesus de Nazaré, modelo de humanização

A agenda das vítimas

Abrindo horizontes

O novo e a novidade

Eu e você, papai

O pluralismo no desígnio salvífico de Deus

fato

e razão



"Consertar esta máquina só depende de nós"

MFC - Movimento Familiar Cristão

Recado ao Leitor

Neste número, caro leitor, demos atenção especial ao compromisso cristão no mundo, em seus mais variados aspectos.

No centro está a adesão ao projeto de Deus, como dado essencial da nossa fé. É um projeto que propõe a humanização, para que sejamos, todos, imagem e semelhança de Deus.

Em uma reflexão mais extensa, vamos ver como Jesus se apresenta como modelo de humanização para todos os homens e mulheres.

Em vários artigos, amigo leitor, apresentam-se críticas a estruturas sociais desumanizadoras, e se apontam caminhos para reverter os mais graves problemas que afetam profundamente a maioria das famílias brasileiras na atualidade.

Surge, então, porque inseparável, a reflexão sobre a questão ecológica, numa visão holística que vê o ser humano como parte da natureza a ser respeitada e preservada.

Também lhe oferecemos, em duas matérias preciosas, uma reflexão sobre a morte, tema de que costumamos fugir e que, por isso mesmo, nos causa tanta dor e tão pouca paz. Mas acrescentamos um belo poema sobre a criação da vida e o nascimento de um filho. Morte e vida se entrelaçam.

Esperamos que a leitura deste número lhe traga mais coragem para enfrentar os desafios que surgem a cada momento em todas as frentes da luta que constitui o ato de viver, caro leitor.

(S. & H.A.)

fato e razão

29

Edição

Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Márcio e Valeria Leite
José Newton e Ariadne Ribeiro
Bernardo e Ma. Nazaré Souza
Luiz e Helena dos Santos
Cyro e Mariana Miranda
Márcio e Malvina Fonseca
Jovino e Ruth Ferreira
Mara e Mainá Souza Neto
Armando e Irmgard Grando
Iride T. e Adroaldo Lize
Wanderley Tavares
Cleudison Halare
Isabelle Vasconcelos
Gerson Guimarães
Cleyton Santos
Rafael Hoff

Equipe de Redação

José e Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF - Instituto Brasileiro da Família

Capa

Criação da Agência de Publicidade *Contemporânea*, Rio de Janeiro

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30160-031 Belo Horizonte MG

SUMÁRIO

- A agenda das vítimas, 2**
Os traços do homem novo, 6
D. Pedro Casaldáliga
A reconquista da esperança, 9
Roger Garaudy
O acorde final, 14
Rubem Alves
Dar aos homens o sentido da vida, 16
Patrício Aylwin
Emprego e trabalho, 19
Herbert de Souza
Jesus de Nazaré, modelo definitivo para a humanização, 22
Helio e Selma Amorim
O novo e a novidade, 34
Itamar Bonfatti
Desprezo pela vida assusta, 36
Eu e você, pai, 38
Beatriz Resende Reis
Meditação sobre a morte, 44
Alceu Amoroso Lima
A mulher e a política, 48
Frei Cristóvão Pereira
O pluralismo religioso no desígnio salvífico de Deus, 50
Faustino Teixeira
Tempo de plantar, tempo de colher, 54
Antonio Mourão Cavalcante
Abrindo horizontes, 56
José e Beatriz Reis
A perda da inocência, 66
Frei Betto
CNBB: Clamor por justiça e paz, 68
A conspiração do silêncio, 70
O MFC e a reforma agrária, 72
Orações comunitárias, 74
Droga: a vida é o melhor vício, 78.

A agenda das vítimas

O sistema econômico que se vai impondo tem duas agendas. A dos vencedores e a das vítimas.

A primeira vem recheada de palavras mágicas: globalização, competitividade, abertura da economia, automação, reengenharia, qualidade total, modernização, reconhecimento de patentes e outros rótulos que escapam à compreensão da maioria do povo.

A das vítimas é outra. Só chega às manchetes da mídia quando algum dos seus itens produz uma anomalia qualquer que ameace a tranquilidade dos vencedores. Controlada a ameaça, o tema desaparece e não se fala mais nisso.

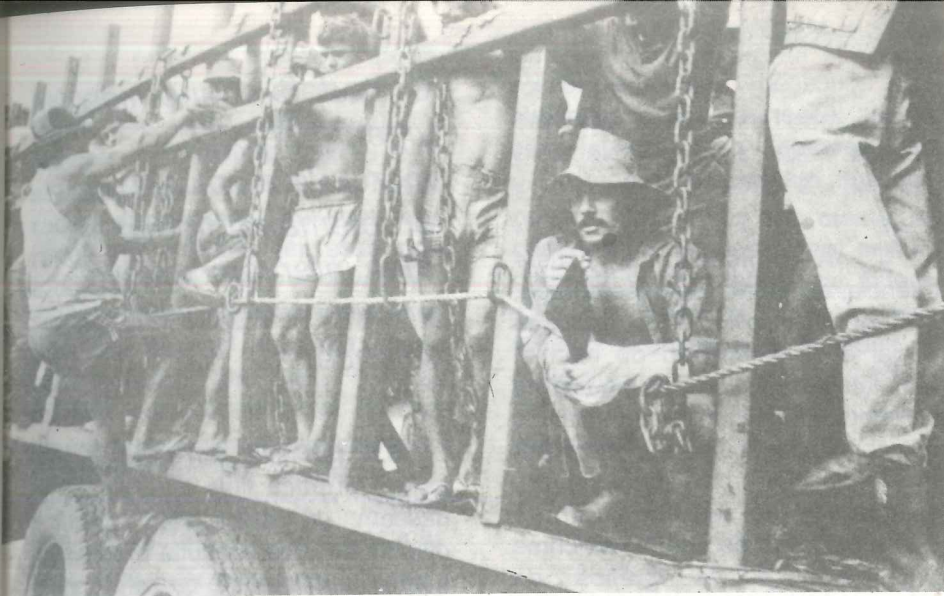
Vamos tentar recuperar essa agenda, para que ocupe sempre mais a nossa atenção e não acabe arquivada na gaveta do conformismo estéril.

1.Desemprego: é uma das mais perversas conseqüências do festejado modelo de liberalismo econômico que vai tomando conta do mundo. Não é um fenômeno nacional. Os Presidentes e Primeiros-Ministros dos 15 países da União Européia acabam de se reunir em Turim e o fantasma do

Equipe de Redação

desemprego, mais uma vez, dominou a pauta da reunião. E o pior é que todas essas cabeças coroadas reunidas tiveram que reconhecer: não sabem como resolver o problema, que é uma contingência do modelo econômico liberal e do acelerado desenvolvimento tecnológico, comandado pela necessidade de competir nos mercados internacionais. A Alemanha tem agora 4 milhões de desempregados, superando pela primeira vez o recorde dos anos do pós-guerra. Nos Estados Unidos, as pesquisas indicam que, pela primeira vez, o desemprego passa a frente da AIDS, da violência e do narcotráfico na lista das maiores preocupações do povo daquele país. Ora, é esse modelo de sociedade que o Brasil e outros países do hemisfério sul pretendem copiar. A isso se tem chamado de modernização.

2.Concentração de renda: o Brasil, já todos sabemos, é um dos líderes mundiais desse torneio. As disparidades de rendimentos ou salários é escandalosa. O desemprego e o subemprego agravam esse quadro. O salário-mínimo, o auxílio-desemprego e o salário família são uma vergonha nacional.



O trabalho escravo é uma vergonha nacional e submete centenas de milhares de trabalhadores, condenados a trabalhar por salários indignos, perdidos em imensos latifúndios impenetráveis, até pagar dívidas impagáveis ao seu empregador.

E o IBGE ainda apura que é elevado o número de trabalhadores com salários menores que o mínimo. Mas a economia do país, subordinada às leis do mercado, desmoriaria literalmente se os valores desses salários fossem elevados a patamares menos indecentes. O festejado modelo não tem solução à vista para essa violência. O deus-mercado do modelo liberal vigente não sabe fazer milagres.

3.Concentração fundiária: esse imenso país, com mais área de terras férteis que a China não consegue alimentar uma população oito vezes menor do que a dos chineses. Assim, 33 milhões dormem com fome todos os dias. Legiões de trabalhadores rurais sem-terra, ficam anos acampados ou marcham inutilmente sobre as

cidades, invadindo repartições do INCRA, e a reforma agrária anunciada por sucessivos governos permanece emperrada. Esse drama antigo só chega às manchetes quando o sagrado direito de propriedade de banqueiros e latifundiários é arranhado por invasões logo reprimidas pela lei ou pelo jagunço. Nas últimas semanas as marchas que não deixam o governo arquivar a questão chegaram a São Paulo, Porto Alegre, Fortaleza, Rio de Janeiro. Ora todos sabemos que os países que saíram de uma situação grave de miséria, destruição e guerras para outra de prosperidade e abundância, como a própria China, o Japão e sua vizinha Coréia, deram esse salto a partir de uma radical reforma agrária e pesados investimentos

em educação. Mas nos nossos países, espera-se que a economia de mercado, com a sua mão invisível, realize esse milagre.

4. A violência: é consequência, em parte, do desemprego, da miséria e da fome, da exclusão social e do abandono do campo. Mas também é fruto de uma cultura de morte, alimentada pelos meios de comunicação social, especialmente pela TV e pela baixa imprensa que vive do sensacionalismo e coroa de fama os chefes do crime organizado e os grupos de extermínio. O medo é geral, mais do pobre que do rico, pois na contabilidade macabra da violência, os pobres morrem mais. A morte violenta, muitas vezes anunciada, é fato banal que já não comove. A polícia se vê impotente. Muitos policiais vendem cumplicidade para compensar os baixos salários. As fugas de criminosos das delegacias e prisões são a prova evidente. Sua participação confessada nas matanças por atacado da Candelária, Vigário Geral ou Acari, e nas eliminações menos baladas no varejo do dia-a-dia, são consequência da tradicional impunidade ou da lenta ação da justiça. Ora, este item da agenda não registra nenhuma política consistente de segurança a nível nacional, que reduza a angústia do povo acuado, que acaba com o extermínio de meninos de rua, com as chacinas e as balas perdidas nas ruas e favelas das cidades, com a rendosa indústria do seqüestro, e tantas outras formas de violência.

O modelo econômico vigente delega ao mercado a solução dos problemas do povo mas intervém solícito no socorro ao mercado financeiro.

5.A falência do sistema de saúde pública: filas intermináveis nascem de madrugada para a disputa de uma consulta médica ou exame. Infelizmente precários, pelo desaparecimento ou sucateamento dos hospitais e ambulatorios públicos, pelos baixos salários e péssimas condições de trabalho dos médicos. As cenas habituais de doentes em macas nos corredores de hospitais, já nem chamam atenção dos espectadores desatentos da TV. A chacina de Caruaru é um retrato do cotidiano que ocupou a mídia por seu tamanho anormal, mas no dia-a-dia é o que está acontecendo silenciosamente no país. Centenas de milhares de brasileiros morrem anualmente por infecção hospitalar. Até que existe, no papel, uma política de saúde pública capaz de mudar esse quadro. Mas o sistema está quebrado, pela falta de recursos, pelas fraudes, pela pouca importância que os gestores da economia concedem à saúde do povo. A insignificante e democrática contribuição sobre cheques que pode ajudar a melhorar esse quadro, ainda enfrenta um tiroteio injustificável no Congresso.

6.A falta de moradia digna: morreu o plano nacional de habitação que, para nossa vergonha, nasceu na ditadura, morreu e foi sepultado pela democracia restaurada a duras penas. Foi-se a esperança de o pobre ter essa casa modesta mas digna. A favela é a solução. Mas já não é fácil conseguir um pedaço de chão seguro para construir uma casa modesta ou um barraco precário. A cada chuva mais forte, as inundações e deslizamentos de encostas destroem vidas, sepultam famílias inteiras, matam velhos e crianças. Os que sobrevivem, formam legiões de desabrigados que perderam tudo, principalmente a esperança. E são desastres previsíveis. Qualquer engenheiro municipal que percorra uma favela ou beira de rio ocupada saberia apontar com segurança quais as habitações que, mais cedo ou mais tarde, serão atingidas pelos efeitos de chuvas,

com mortes e destruição. No entanto, nada se faz para que essa previsão certa e trágica seja evitada. Só depois das tragédias, verbas são liberadas às pressas, por administradores que, diante das câmaras de TV, lamentam profundamente os desmandos da natureza. Mas nada se anuncia para minorar a angústia de milhões de brasileiros por não ter onde morar com um mínimo de dignidade e segurança.

Convidamos os nossos leitores a completarem a agenda das vítimas do modelo econômico vigente, concentrador e excludente, que delega às leis de mercado a solução mágica dos problemas do povo, mas intervém solícito no socorro ao sistema financeiro, reconhecidamente apodrecido pelo vício do lucro fácil gerado por décadas de inflação.

@ Como percebemos o crescimento do desemprego? As causas? O que fazer para reverter esse fantasma das sociedades modernas?

@ Como nos parece o enorme abismo entre a riqueza de poucos e a miséria de muitos? O que deve ser feito para haver menos desigualdade social?

@ Por que tanta terra em poucas mãos e tantas mãos sem terra para trabalhar? O que deve ser feito?

@ Quais as razões da violência, nas cidades e no campo?

@ Como vai a saúde pública na nossa cidade? E no país? O que deve ser feito? Podemos colaborar?

@ Onde e como mora o povo? Há muitas famílias vivendo em moradias indignas? Existem programas de construção de casas para os pobres?

Os traços do homem novo

Com maior ou menor lucidez, com lógica vital mais ou menos conseqüente, já descobrimos a sociedade feita sistema, dentro da estrutura que nos envolve e condiciona, sob a inevitável solicitação da conjuntura diária.

A Igreja, perita em eternidade e menos perita em história, durante séculos, muitas vezes e facilmente, só via pessoas; ou indivíduos isolados, ou, mais dicotomicamente ainda, às vezes só via almas...

Sem nunca deixar de enfrentar esta globalidade estrutural na qual se forja a história humana e dentro da qual acontece o Reino, deveríamos agora redescobrir, comprometidamente, a pessoa, membro da sociedade e protagonista da história e do Reino.

O Homem — o homem e a mulher — é um ser estruturado e estruturante. A história, o sistema e o Reino o fazem, mas, por sua vez, ele faz o sistema, a história e o Reino.

Para nós cristãos, o homem é, antes de mais nada, a imagem viva de Deus, que Jesus Cristo encarna em plenitude e corporalmente, como Unigênito do Pai e como irmão maior, dentre outros irmãos.

Ele, Jesus de Nazaré, é o protótipo do homem, porque,

D. Pedro Casaldáliga
Bispo de S. Felix do Araguaia

superando vitoriosamente a velha humanidade da escravidão, do pecado e da morte, "criou em si mesmo a nova humanidade" (Ef 2,15).

Ser homem, ser verdadeiramente humano, para nós, terá que ser "morrer constantemente ao homem velho" e transformar-nos gradativamente nesse homem novo, Jesus, Filho de Deus Altíssimo e filho da pobre aldeã, Maria.

O convertido Paulo, fariseu farto da Lei, descobriu exultante a utopia cristã do homem novo e a proclamou, dentro de seu contexto religioso-cultural, com traços incisivos.

O homem novo, contudo, é uma utopia universal. E os cristãos — que cremos nesta utopia como feita realidade em Jesus Cristo — não temos a exclusividade dessa paixão avassaladora, semeada por Deus vivo no coração de cada ser humano e na história de cada povo.

Em nossa América Latina, por exemplo, que hoje desperta convulsivamente para a segunda libertação total, dois grandes homens marxistas proclamaram, com suas palavras, com sua vida e com sua morte, a utopia do homem novo, a ilusão incontida do "homem matinal"; o Che e Mariátegui. Acabo de

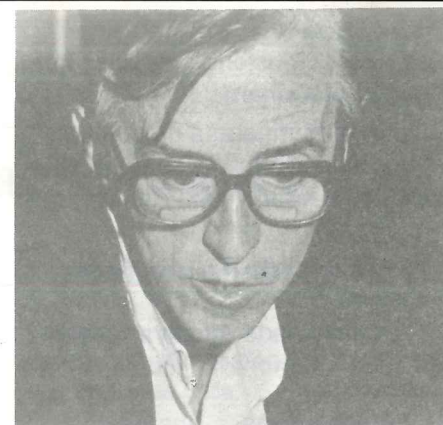
ler um fragmento do livro premiado do comandante sandinista, Omar Cabezas, sobre "o olhar do homem novo" e "o homem novo que está na montanha..."

A reflexão e a vivência de uma *espiritualidade da libertação*, na América Latina (no Terceiro Mundo, no mundo mais em geral, penso eu sinceramente), deverão ter como consideração e exigência básicas a utopia necessária do homem novo. Ser cristão, em qualquer parte do mundo, em qualquer hora histórica, é ser homem novo no Homem Novo Jesus; mas ser cristão hoje em nossa América Latina, onde o Espírito e o Sangue impelem fortemente, só pode ser empenhar-se apaixonadamente em ser de verdade, livremente, diante do escândalo do mundo e da Igreja, homens novos, numa Igreja nova, para o mundo novo.

Há dias que procuro delinear, para mim mesmo, os traços fundamentais do homem novo. Essa tentativa é o que vou oferecer agora, como uma contribuição balbuciante ao livro do DEI sobre "Espiritualidade e libertação na América Latina".

Nossos teólogos, nossos sociólogos, nossos psicólogos e nossos pastoralistas dirão sua palavra maior, cientificamente. E nossos santos e nossos mártires tornarão verdade — já o fazem, com caudalosa efusão — o rosto latino-americano do homem novo.

Os traços do homem novo seriam, no meu modo de ver:



1.A lucidez crítica

Uma atitude de crítica "total" frente aos supostos valores, meios de comunicação, consumo, estruturas, tratados, leis, códigos, conformismo, rotina...

Uma atitude de alerta, insubornável.

A paixão pela verdade.

2.A gratuidade admirada, deslumbrada

A gratuidade contemplativa, aberta à transcendência e acolhedora do Espírito. A gratuidade da fé, a vivência da graça. Viver em estado de oração.

A capacidade de assombrar-se, de descobrir, de agradecer.

Amanhecer cada dia.

A humildade e a ternura da infância evangélica.

O perdão maior, sem mesquinhhez e sem servilismo.

3.A liberdade desinteressada

Ser pobres, para ser livres frente aos poderes e às seduções.

A livre austeridade dos que sempre peregrinam.

A vida morigerada de combate.

A liberdade total dos que estão dispostos a morrer pelo Reino.

4.A criatividade em festa

A criatividade intuitiva, desembaraçada, humorada, lúdica, artística.

Viver em estado de alegria, de poesia e de ecologia.

A afirmação da autoctonia.

Sem repetições, sem esquematismos, sem dependências.

5.A conflitividade assumida como milícia

A paixão pela justiça, em espírito de luta pela verdadeira paz.

A pertinácia incansável.

A denúncia profética.

A política, como missão e como serviço.

Estar sempre definido, ideológica e vivencialmente, do lado dos mais pobres.

A revolução diária.

6.A fraternidade igualitária

Ou a igualdade fraterna.

O ecumenismo, acima de raças, idades, sexos e credos.

Conjugar a mais generosa comunhão com a salvaguarda da

própria identidade étnica, cultural e pessoal.

A socialização, sem privilégios.

A real superação, econômica e social das classes que aí estão, em ordem ao surgimento da única classe humana.

7.O testemunho coerente

Ser o que a gente é. Falar o que se crê. Crer no que se prega. Viver o que se proclama. Até às últimas consequências e nas pequenas coisas de cada dia.

A disposição habitual para o testemunho do martírio.

8.A esperança utópica

Histórica e escatológica. Desde o hoje para o amanhã.

A esperança crível das testemunhas e construtores da ressurreição e do Reino.

Trata-se de utopia, a utopia do Evangelho. O homem novo não vive só de pão; vive de pão e de utopia.

Somente homens novos podem fazer o mundo novo.

Penso que estes traços correspondem aos traços do Homem Novo de Jesus. Assim viveu Ele, utopicamente; ensinou isto em Belém, na Montanha e na Páscoa; assim nos configura trabalhosa-mente seu Espírito, derramado em nós.

* Publicado em *Espiritualidad y Liberación en América Latina* DEI, San José de Costa Rica, 1982.

A reconquista da esperança

Roger Garaudy
Filósofo, escritor

Deus é necessário?

Sim, precisamos de Deus, presença, em cada um de nós, da exigência da busca do sentido da vida, da responsabilidade de descobri-lo e realizá-lo.

Precisamos de Deus para tomar consciência da unidade da vida, dessa mesma vida que anima a escalada da seiva nas árvores e nas flores, e a pulsação do sangue no coração dos homens.

O movimento dessa vida dá ao homem a consciência de si mesmo; a natureza inteira é meu corpo sem limites, e minha consciência é habitada por todos os homens na totalidade de sua história e civilizações.

Precisamos de Deus, cuja presença se manifesta pela possibilidade permanente de não nos abandonarmos, cegos e passivos, às derivas dessa corrente, e de assumirmos a responsabilidade de

participar da pilotagem da criação contínua da vida.

Liberdade arrebatadora de escolher entre a ascensão e a queda, entre a invenção de formas novas e mais ricas de vida, ou a resignação a uma decadência na qual as conquistas mais maravilhosas da técnica e do saber servem à destruição da nau que nos transporta e por que somos responsáveis: o planeta terra.

Alguns chamam essa liberdade de dádiva de "Deus" essa transcendência vivida para não dividir o homem em dois, para não confundir transcendência com exterioridade, para não cair no dualismo "deísta" de um "Ser" situado fora de nós, como um soberano que decide nosso destino, nossas recompensas e nossas punições, como Zeus que brandiu o raio e governa o mundo, ou Jeová, Deus dos Exércitos, das promessas e dos massacres.

Não precisamos desses deuses.

Mas a necessidade de Deus é a principal necessidade de nossa época.

Trata-se da sobrevivência da humanidade e de seu sentido.

É preciso esclarecer de que Deus estamos falando

Roger Garaudy, professor de filosofia e doutor em Letras, nasceu em 1913. Passou três anos exilado da França, durante a ocupação nazista; membro do *Bureau* político do Partido Comunista, foi afastado em 1970. Autor de numerosos trabalhos sobre o marxismo, o cristianismo e o islã, é o artífice do diálogo internacional entre cristãos e marxistas. Traduzida em 27 línguas, sua obra foi objeto de inúmeras teses nos mais diversos países.

É indiscutível que Jesus é o Messias pelo qual nossa vida pessoal e nossa história comum assumem seu sentido pleno. Mas esse Messias não era aquele aguardado por seus contemporâneos; um Messias davídico, restaurador do reino erigido pelo gládio de Davi. No reino anunciado por Jesus não se entra pela conquista, mas pelo despojamento; esvaziemo-nos de nosso pequeno eu, de suas propriedades e títulos, de seus desejos parciais, para deixar lugar para o todo, para a presença em nós do que não é nosso, ao ato incessantemente estimulador e criador pelo qual se manifesta essa presença.

Da ressurreição não duvidamos em nenhum momento. Não como um acontecimento histórico, experimental, que se produziria uma única vez, três dias após a crucificação, mas a ressurreição universal e cotidiana de Jesus, através do que se manifesta em nós sua presença real e ativa em cada ato de amor, de sacrifício e de criação.

Do mesmo modo, o Deus de que precisamos não é esse ser exterior e superior, reinando "do alto", em não se sabe que "céu", como um monarca mais poderoso que todos os outros.

Menos ainda desse Deus do qual apenas nossa comunidade deteria a imagem verdadeira. Nem desse Deus parcial e tribal, que nos teria escolhido e nos daria a missão e poder para excluir e massacrar outros povos.

É o Deus uno e total, presente em todos nós e cuja unidade é que

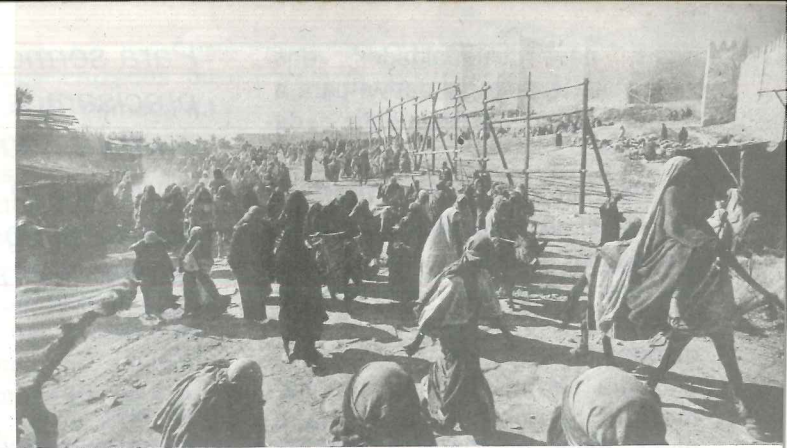
O Deus de que precisamos não é um Deus parcial que nos teria escolhido e nos daria a missão e o poder de excluir e massacrar outros povos.

nos dá o sentido de todas as coisas, seu fim último e único. O Deus invisível cujo ato torna-se visível pela vida e morte de Jesus, assim como pela sabedoria unitiva dos Upanixades ou do Bhagavad Gita.

Freqüentemente se diz que as religiões geraram mais guerras do que instauraram a paz. É verdade. É verdade em relação às religiões tribais, fundadas sobre o mito perverso do "povo eleito", que retomam, por conta própria, o cristianismo institucional, constantiniano, e, depois dele, o Islã tardio das tradições esclerosadas.

Somente o Deus autenticamente transcendente pode ser uma força de paz; a mais viva de todas, ou seja, sem correspondência com o homem, e, conseqüentemente, nenhuma comunidade religiosa pode pretender possuir a verdade total. Pelo contrário, é pela consciência de nossos erros e limitações que cada um deles pode experimentar a necessidade da experiência de todas as outras, para aproximar a presença universal e inefável e seu ato incessantemente criador.

Sem guerras e combates sangrentos, a pregação de Jesus e de seus seguidores nos primeiros séculos do cristianismo conquistou multidões sob a oposição ferrenha do império romano.



Jesus revela o que há de pessoal no encontro do homem com Deus. Ele torna visível, por sua vida e morte, as exigências de Deus se queremos — prestando testemunho por nossa ação — conhecer a passagem do não-sentido para o sentido, da morte para a vida: a ressurreição, surgindo em nós do Deus vivo.

A evocação da pluralidade das religiões do mundo, das perspectivas diferentes da experiência do transcendente, que não se pode apreender em sua totalidade, não implica nenhum ecletismo ou sincretismo, mas o reconhecimento humilde e indispensável da relatividade, não da fé, mas das culturas através das quais se expressa, a da riqueza da aproximação às outras culturas.

Somente seu conhecimento fraternal nos permite aprofundar nossa própria fé, conservar todas as suas dimensões: *cósmica* pela consciência de sua unidade com toda a criação; *comunitária* contra todo individualismo, pela consciência de sua unidade com o homem: *pessoal* pela consciência

do que há de mais íntimo, de mais "pessoal" em nós. É essa presença divina do poder de se ultrapassar, de transcendência ativa em relação a nossas dependência, decadência e fracassos.

Todas as experiências da fé, da Ásia, da África, da Ameríndia, assim como da Europa, nos convocam a agir somente em função do Todo: toda ação é nociva se visa fazer prevalecer os interesses da parte sobre o Todo; por exemplo, as ações do Ocidente contra o Terceiro Mundo, as da propriedade e lucro de uns à custa de outros, e a da destruição da natureza pelo esgotamento de recursos ou pela poluição.

Uma guerra de religião, insidiosa e mortal, domina este fim de século.

De seu resultado depende o futuro e a própria existência do séc. XXI.

Por um lado, o *monoteísmo do mercado*, que atomiza e afronta indivíduos, grupos e nações, em uma guerra de todos contra todos chamada "livre-concorrência". O "crescimento" das aspirações

rivais, das desigualdades, das violências. A entropia deriva para a morte pelo crescimento da desordem.

Por outro lado, a fé na unidade da vida. Uma outra visão do mundo que dá um sentido à vida de cada um: um mundo que não é feito de necessidade e de acaso, ou seja, do que não é humano.

Para sermos homens precisamos da fé, qualquer que seja o nome dado ao Deus a que se dirige, e mesmo que se recuse este nome.

Pois se trata do mesmo alerta:

— conceber uma outra felicidade, que não a de aumentar seu poder de compra se esquecendo de que a outra metade do mundo não tem esse privilégio degradante;

— não aceitar a unidade hegemônica das dominações, com seu nacionalismo de exclusão, seus integristas, suas desigualdades, e o caos das violências que geram, mas trabalhar para a unidade sinfônica do mundo, em que cada um contribui com sua cultura e sua fé.

O Ocidente, senhor do mundo atual, e, portanto, o principal responsável por suas derivas, cometeu dois erros:

—depois de Jesus ter aberto a brecha que "desfatalizava" a história, retornar, com Paulo e, depois, Constantino, aos deuses antigos do poder, abonadores, em sua exterioridade soberana, das dominações terrestres;

—depois do esforço de Ihes

Para sermos homens precisamos da fé, qualquer que seja o nome dado ao Deus a que se dirige, e mesmo que se recuse este nome.

tirar esse jugo, para restituir ao homem sua autonomia criadora, a Renascença recriou outras servidões. O ímpeto simultâneo do colonialismo e do capitalismo exigia uma razão instrumental, técnica, de que precisavam para dominar a natureza e os homens. Então, pesou sobre o mundo um outro destino, não mais imposto pela providência de um Deus, mas pelo reinado dessa "razão", mutilada de sua dimensão essencial: a busca dos fins. De uma "ciência" que se tornou uma religião dos meios.

Mas não sabem que trocaram de ópio.

Os grandes pontífices do monoteísmo do mercado, com a eficiência de seus tecnocratas computantropos (isto é, nunca colocando a questão do sentido e dos fins), tornaram-se os senhores do mundo pelo poder das armas, do dinheiro e da mídia. Eles nos conduzem, por uma lógica cega, da desigualdade crescente dos homens e esgotamento da natureza, ao aborto programado do século XXI.

É uma utopia afrontá-los?

O alerta da fé não se impõe

jamais pelas armas, cruzadas ou inquisições. A elevação começa na consciência dos homens, antes das grandes comoções populares.

Não é uma utopia predadora ou moralizante, pois os armamentos mais sofisticados, as máquinas, os instrumentos de tortura ou de condicionamento da mídia, são manipulados por homens, e quando uma certeza se rompe na cabeça e no coração dos homens, essas armas caem de suas mãos. Neste século de guerras, do Vietnã à Argélia, da impotência do mais potente exército do Xá do Irã diante de um povo com as mãos vazias, não faltam exemplos de vitórias inesperadas do mais fraco. Inesperadas para as estratégias militares ou políticas, porque a fé não entra em seus circuitos eletrônicos.

Na escala milenar, o budismo "despertou", sem combate, o mais vasto dos continentes; a fé dos mártires de Jesus, antes de sua cooptação constantiniana, se propagou sob a opressão ferrenha do império romano; a fé de milhares de discípulos do profeta Maomé, apesar do poderio numérico e técnico infinitamente superior

O alerta da fé não se impõe pelas armas, cruzadas ou inquisições mas começa na consciência dos homens

dos impérios da Pérsia e de Bizâncio, se estendeu, em alguns anos, do mar da China ao oceano Atlântico.

Como se diz nas sabedorias e na fé de todos os mundos, nos mesmos termos, dos Vedas ao Evangelho: o Reino já está aí, "dentro e fora de nós".

Estas considerações não têm outro objetivo senão convocar todos a tomarem consciência de que são pessoalmente responsáveis — sem delegação possível a um partido, Estado ou Igreja — pelo advento possível desse "Reino", e a se levantarem contra as derivas da decadência, para passar do não-sentido para o sentido, da morte para a ressurreição.

@ Conhecemos verdadeiramente o Deus revelado por Jesus? Como é o Deus dos cristãos?

@ Quais as convergências mais visíveis entre as religiões monoteístas? Quais as divergências?

@ O que impede uma cooperação mais efetiva e uma maior compreensão recíproca entre essas religiões?

@ Como se explica a prevalência da injustiça, da opressão, da exclusão social, da agressividade de nações, da miséria e da fome em países cujos povos são predominantemente cristãos, judeus ou muçulmanos?

O acorde final

Rubem Alves
Poeta e escritor

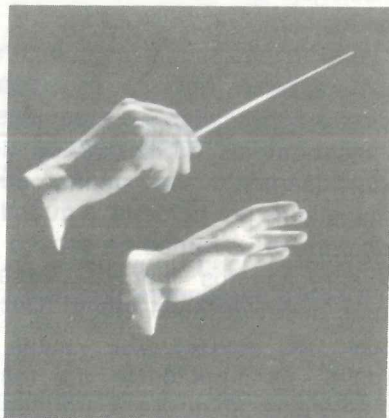
Eu havia colocado no toca-discos aquele disco com poemas do Vinícius e do Drummond, disco antigo, long-play, o perigo são os riscos que fazem a agulha saltar. Felizmente até ali tudo tinha estado liso e bonito, sem pulos e sem chiados, o próprio Vinícius, na sua voz rouca de uísque e fumo, havia recitado os sonetos da separação, da despedida, do amor total, dos olhos da amada. Chegara, finalmente, o último poema, meu favorito, "O Haver"- o Vinícius percebia que a noite estava chegando, tratava então de fazer um balanço de tudo o que se fez e disso, o que foi que sobrou? Por isso as estrofes começam todas com a mesma palavra, "Resta"...- foi isso que sobrou.

"Resta essa capacidade de ternura, essa intimidade perfeita com o silêncio..."

Resta essa vontade de chorar diante da beleza, essa cólera cega em face da injustiça e do mal-entendido...

Resta essa vontade incoercível de sonhar e essa pequenina luz indecifrável a que às vezes os poetas tomam por esperança..."

Começava, naquele momento, a última quadra, e de



tantas vezes lê-la e outras tantas ouvi-la, eu já sabia de cor as suas palavras, e as ia repetindo dentro de mim, antecipando a última, que seria o fim, sabendo que tudo o que é belo precisa terminar.

O pôr-do-sol é belo porque suas cores são efêmeras, em poucos minutos não mais existirão.

A sonata é bela porque sua vida é curta, não dura mais de vinte minutos. Se a sonata fosse uma música sem fim é certo que o seu lugar seria entre os instrumentos de tortura do Diabo, no inferno.

O poema também tinha de morrer para que fosse perfeito, para que fosse belo e para que eu tivesse saudade dele, depois do seu fim. Tudo o que fica perfeito pede para morrer. Depois da morte do poema viria o silêncio, o vazio. Nasceria então outra coisa no seu lugar: a saudade. A saudade só floresce na ausência.

É na saudade que nascem os deuses - eles existem para que o amado que se perdeu possa retornar - que a vida seja como o disco, que pode ser tocado quantas vezes se desejar. Os deuses - nenhum amor tenho por eles em si mesmos. Eu os amo só por isso, pelo seu poder de trazer de volta para que o abraço se repita. Divinos não são os deuses. Divino é o reencontro.

A voz de Vinícius já anunciava o fim. Ele passou a falar mais baixo.

"Resta esse diálogo cotidiano com a morte, esse fascínio pelo momento a vir, quando, emocionada, ela virá me abrir a porta como uma velha amante..."

E eu, na minha cabeça me adiantei, recitando em silêncio o último verso: "...sem saber que é a minha mais nova namorada."

Foi então que, no último momento, o imprevisto aconteceu: a agulha pulou para trás, talvez tivesse achado o poema tão bonito que se recusava ser uma cúmplice do seu fim, não aceitava a sua morte, e ali ficou a voz morta do Vinícius repetindo palavras sem sentido: "sem saber que é a minha mais nova... sem saber que é a minha mais nova... sem saber que é a minha mais nova..."

Levantei-me do meu lugar, fui até o toca-discos, e consumiei o assassinato: empurrei suavemente o braço com o meu

dedo, e ajudei a beleza a morrer, ajudei-a a ficar perfeita. Ela me agradeceu, disse o que precisava dizer, "...sem saber que é a minha mais nova namorada...". Depois disso foi o silêncio.

Fiquei pensando se aquilo não era uma parábola para a vida, a vida como uma obra de arte, sonata, poema, coreografia. Já no primeiro momento, quando o compositor, ou o poeta ou o dançarino preparam a sua obra, o último momento já está em gestação. É bem possível que o último verso tenha sido o primeiro a ser escrito pelo Vinícius. A vida é tecida como as teias de aranha: começam sempre do fim. Quando a vida começa do fim ela é sempre bela por ser colorida com as cores do crepúsculo.

Não, eu não acredito que a vida biológica deva ser preservada a qualquer preço.

"Para todas as coisas há o momento certo. Existe o tempo de nascer e o tempo de morrer" (Eclésiastes 3, 1-2).

A vida não é uma coisa biológica. A vida é uma entidade estética. Morta a possibilidade de sentir alegria diante do belo, morreu também a vida, tal como Deus no-la deu - ainda que a parafernália dos médicos continue a emitir seus bips e a produzir ziguezagues no vídeo.

A vida é como aquela peça. É preciso terminar.

A morte é o último acorde que diz: está completo. Tudo o que se completa deseja morrer.

Dar aos homens o sentido da vida

Os grandes avanços da ciência e da tecnologia multiplicaram a capacidade humana para produzir bens e satisfazer necessidades. Não obstante, enquanto a riqueza aumenta dia a dia, sua distribuição é cada vez mais desigual.

Nos últimos 50 anos o Produto Geográfico Bruto (PGB) mundial multiplicou-se por sete e a renda por pessoa triplicou. Mas isso não chega igualmente a todas as pessoas. O grupo de 1 bilhão de pessoas mais ricas tem renda 60 vezes superior ao grupo de 1 bilhão de pessoas mais pobres.

O crescimento não chega a todos porque a distribuição regride cada vez mais.

Certamente, não seria justo negar os avanços alcançados na marcha ascendente das sociedades para maior humanização. Deles dão testemunho os informes sobre desenvolvimento humano das Nações Unidas, que mostram importantes progressos em fatores como a esperança de vida ao nascer, a taxa de alfabetização de adultos e a média de anos de escolaridade.

Na grande maioria dos países do mundo, a vida humana se prolonga em nossos tempos a mais

Patricio Aylwin
Ex-Presidente do Chile

de 65 anos, mais de 80% da população adulta sabe ler e escrever e as crianças têm cinco anos ou mais de escolaridade.

Mas esses índices estão muito longe de ser satisfatórios. Os mesmos estudos das Nações Unidas assinalam que em nosso mundo de progresso e abundância, em fins do segundo milênio da Era Cristã, 1,1 bilhão de pessoas, quase um quinto da população humana, vivem em condições de grande pobreza, no nível de simples subsistência, e grande parte delas dorme com fome todas as noites.

Em nossa América Latina e no Caribe, essa situação afeta cerca de 200 milhões de pessoas, quase metade da população da área. Em meu próprio país, o Chile, apesar dos importantes avanços alcançados nos últimos anos, três de cada dez chilenos vivem na pobreza e um desses três, na miséria.

A dramática significação dessa realidade, verdadeiro escândalo do ponto de vista moral e um freio ao desenvolvimento do ponto de vista estritamente econômico, ameaça a estabilidade política e a paz social das nações, o que motivou a Cúpula Mundial sobre o Desen-



Um quinto da população mundial, mais de um milhão de pessoas, vivem em condições de de grande pobreza, no nível de simples subsistência, e grande parte delas dorme com fome todas as noites.

volvimento Social, que teve lugar em março de 1995 em Copenhague.

Na declaração e programa de ação acordados no evento, manifestou-se que "a pobreza, a falta de emprego produtivo e a desintegração social" que atualmente afetam uma boa parte da população mundial "constituem uma ofensa à dignidade humana". Mais de 120 milhões de pessoas de todas as partes do mundo estão oficialmente desempregadas e muitos outros vivem em situação de subemprego. São inúmeros os jovens que têm pouquíssima esperança de encontrar um emprego produtivo".

Essa comprovação mostra um dos aspectos mais frustrantes da

realidade social de nosso tempo. O fenômeno afeta principalmente as nações do mundo em desenvolvimento, mas já se sabe que nos últimos anos adquiriu características alarmantes também em muitos países do mundo rico, especialmente na Europa.

Não se podem chamar de "humanas" algumas sociedades em que há gente que não tem possibilidade de trabalho para ganhar a vida. O fato de que em muitas sociedades haja crianças ou jovens que não têm acesso a uma educação que os capacite para o trabalho ou pessoas que, apesar de sua capacitação, não conseguem encontrar um emprego, é, por si só, desumano. Não merecem ser chamadas de humanas as socieda-

des em que a opulência que exibem alguns setores contrasta com a escassez em que outros apenas sobrevivem.

Mas, por outro lado, embora haja motivos para crer que nas sociedades de nosso tempo prevalece maior benevolência que em outras épocas, os genocídios e outros crimes cometidos neste último século são os piores da história.

O desafio de humanizar a sociedade exige encontrar formas eficazes de conciliar a igualdade essencial de todas as pessoas com o necessário reconhecimento de sua diversidade. Embora seja evidente que qualquer modelo de sociedade que pretenda impor um forçado igualitarismo resultará desumano, também as sociedades que discriminam ou marginalizam pessoas à situação de inferioridade não merecem ser chamadas de humanas.

O essencial nesse aspecto é encontrar uma maneira que garanta a todos os membros da sociedade a igualdade de oportunidades. Isso exige buscar formas eficazes para remover os obstáculos que colocam setores ou pessoas em condição de inferioridade.

De minha parte, acredito que o fundamental é assegurar a todos, e especialmente às crianças e jovens, possibilidades iguais a uma educação de qualidade.

Pelo menos em países como os nossos, a maior parte das desigualdades que dificultam a

tarefa de humanizar a sociedade deriva das diferenças, muitas vezes abissais, entre o grau e a qualidade da educação das pessoas, inclusive no nível pré-escolar. No dia em que todos tiverem, realmente, iguais possibilidades de educação e capacitação pessoal, se abrirão as portas de uma sociedade muito mais justa.

A aspiração de humanizar as sociedades modernas não apenas nos exige reduzir substancialmente as desigualdades, superar o individualismo prevalecente e restabelecer a ordem racional e justa nas relações do homem com as coisas e com a natureza — também nos demanda a capacidade de reencontrar o sentido da vida humana.

Portanto, nossa principal preocupação deveria ser a de ajudar as pessoas a reencontrar um sentido para suas vidas. Sob a orientação de uma fé religiosa ou de um sistema de pensamento racional, o ser humano alcança sua plena dimensão encontrando ideais superiores a si mesmo e aos quais consagra sua vida. Escutando o chamado de sua vocação e entregando-se com entusiasmo, não apenas enriquece sua própria vida como também faz um aporte à sociedade a que pertence.

Nestes tempos em que alguns anunciam a morte das ideologias, me atrevo a proclamar que somente consagrando nossas vidas a grandes ideais, por mais utópicos que pareçam, poderemos tornar nossas sociedades mais humanas.

Emprego e trabalho

Herbert de Souza
Sociólogo

Em 1994 a Ação da Cidadania abriu o debate sobre a questão do emprego e do trabalho como a forma mais efetiva de combater a miséria e acabar com a vergonhosa fome de 32 milhões de pessoas.

Naquele anos, todos os candidatos colocaram a luta contra o desemprego como prioridade. Os comitês de ação da cidadania encontraram formas criativas de criar trabalho. Essas iniciativas não foram ainda avaliadas mas estou convencido de que muitas oportunidades foram criadas por iniciativa da própria sociedade civil.

Hoje, o tema está na ordem do dia e foi definitivamente incluído na agenda do Governo, dos sindicatos, dos empresários, e está presente em várias ações realizadas pela sociedade civil. Apesar disso, parece existir uma grande confusão no debate, como se as pessoas não estivessem falando sobre o mesmo assunto. Várias informações desencontradas tornam difícil resolver este problema, mas algumas coisas podem começar a ser esclarecidas.

É fundamental distinguir emprego formal e emprego informal de trabalho. Hoje no Brasil

metade da PEA (População Economicamente Ativa) está no mercado formal e se supõe que ela tem os seus direitos legais garantidos, o que nem sempre acontece. A outra metade está no mercado informal, nos mais diferentes níveis, desde os que conseguem ganhos superiores aos do mercado formal até os que vivem de biscates, e acabam na mais absoluta marginalidade.

Nos campos formais e legais a atenção está concentrada na garantia dos direitos constitucionais, que são vários e quase todo mundo conhece. Aqui, alguns acham que se deve abrir mão desses direitos para ampliar as possibilidades de novos empregos, alegando inclusive que a mão-de-obra no Brasil é muito cara por causa dos encargos sociais. O debate está aberto e há fortes argumentos de todos os lados, mas nenhum acordo substantivo entre Governo, empresários e trabalhadores. Nesse impasse não houve nenhum avanço, a não ser o fato de que a Força Sindical vai abrir guerra quando os argumentos legais e constitucionais entrarem em campo. Creio que essa questão é maior do que uma unidade possível entre a Fiesp e a Força

@ O que dá sentido à vida? O que é essencial? O que é acidental?

18 @ Que ideais perseguimos na nossa vida? Que utopias nos animam?

Sindical. E muita água ainda vai rolar.

Reduzir a questão do emprego e da geração de novas oportunidades de trabalho a essa dimensão não vai nos levar longe. É sabido que a nossa taxa de desemprego é irreal e que nossa economia formal está organizada para empregar cada vez menos a força de trabalho vivo. Essa é uma tendência mundial em função da globalização e de uma tecnologia que adora máquinas e odeia homens e mulheres. O capitalismo teria que mudar radicalmente suas estratégias para que desenvolvimento e emprego se reencontrassem, já que hoje esse divórcio é claro.

Metade dos brasileiros vive e trabalha porque encontrou mil formas de entrar no mercado pela porta da informalidade. Hoje, no Brasil, seis em cada dez empregos ou postos de trabalho são criados pelas microempresas; a maioria dos quais informal e sem nenhuma assistência ou apoio oficial. Uma política específica para a microempresa com total apoio do Governo poderia gerar milhões de novos empregos e ser uma das principais armas no combate à miséria. É preciso investir mais na microempresa, para que ela possa ter acesso a outras facilidades, como crédito, financiamento, apoio técnico e muito mais. Aprovar o estatuto da microempresa é urgente.

A democratização real, rápida e ousada da terra é outro caminho, não basta fazer assentamentos. A agricultura pode criar trabalho

O capitalismo teria que mudar radicalmente suas estratégias para que desenvolvimento e emprego se reencontrassem, já que hoje o divórcio é claro.

através de outras formas: uso de terras públicas (as empresas públicas e as Forças Armadas têm muitas); legislação ou ação fiscal que levasse as grandes propriedades a se voltarem para a produção e não para a especulação; desapropriação das terras ligadas à produção de drogas ou que não paguem seus impostos; uso das margens das rodovias; e tudo o mais que se poder pensar.

Um país que tem 180 milhões de hectares ociosos e aptos para a reforma agrária não pode perder mais tempo. O uso das obras públicas federais, estaduais e municipais deve ter o objetivo explícito de gerar emprego ou trabalho. São bilhões de reais que lotam as contas bancárias das grandes construtoras que poderiam ser distribuídos pelas pequenas empresas que empregam trabalho.

O uso do sistema financeiro privado e estatal também deve favorecer de forma ágil e sem entraves burocráticos os pequenos empresários e não os grandes privilegiados dos empréstimos. Os banqueiros brasileiros não sabem o

valor de mil reais, só são capazes de pensar em milhões. Um emprego, nessa matemática, vale no mínimo R\$ 70 mil. Pode-se multiplicar nove milhões de pessoas vivendo na indigência por R\$ 70 mil? Nem seria fácil levar empresários antiemprego e economistas ortodoxos por esse caminho, pois eles sonham com fábricas sem gente e de economia quebrada.

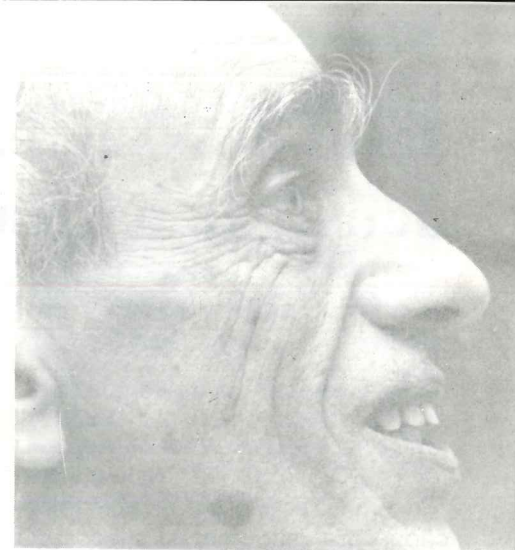
Todas essas possibilidades deveriam vir juntas e o objetivo fundamental seria o de gerar trabalho para milhões de pessoas para tirá-los da miséria absoluta. Esse é o maior desafio que temos. As outras questões virão em consequência, com a profissionalização, a educação, uma legislação moderna e flexível. Seria uma obra de toda a sociedade e de todo o Governo, tal como ocorreu nos Estados Unidos com o New Deal.

É sabido que naquele tempo o presidente Roosevelt foi duramente criticado pela maioria dos economistas, recebendo o apoio solitário de um ilustre personagem da política americana, o economista John Galbraith.

Fico extremamente preocupado quando vejo que se tenta resolver um problema tão urgente com instituições tão pesadas e inflexíveis. Aqui o que resolve é determinação e agilidade porque

@ Que medidas consideramos capazes de reverter mais rapidamente o crescimento do desemprego em nosso país?

@ Que causas do desemprego crescente são mundiais? E nacionais?



se trata de um estado de emergência nessa guerra contra a miséria. Assim como a fome, a miséria não pode esperar nem viver de palavras e intenções.

No Brasil, desde o tempo colonial, os problemas dos ricos foram resolvidos rapidamente e os problemas dos pobres são problemas para muito debate, muita conversa e nenhuma solução a tempo. A resignação dos pobres impregnada em nossa cultura é o ingrediente principal dessa tragédia que se prolonga e se expande. São poucos os sem terra, os xavantes, os indigenados ativos. Falta muito para a cidadania transformar o Brasil em um país muito melhor, mais democrático e feliz. Mas ela está chegando.

Jesus de Nazaré, modelo definitivo para a humanização

Helio e Selma Amorim
Vice-Presidentes da CIMFC

A essência da Fé Cristã.

O projeto de Deus para o Homem é a sua plena humanização. Para isso fomos criados. O mundo é o esplêndido cenário preparado pelo Criador, para permitir que essa humanização se concretize, levando-nos a construir personalidades capazes de um encontro pessoal e eterno com Ele.

O projeto de Deus supõe, portanto, que o mundo seja esse cenário favorável à humanização de todos os homens e mulheres, a quem o Criador o entrega para que o povôem e estabeleçam, entre todos, relações sociais humanizadoras.

Deus mesmo se oferece como modelo para essa humanização. Se estamos destinados a um encontro pessoal e definitivo com Elê, devemos ser Sua imagem e semelhança.

Através de suas intervenções na história humana, Deus se vai revelando, para que o conheçamos e o tomemos, de fato, como modelo de humanização.

Ora, a liberdade é um dos evidentes atributos de Deus. Não poderíamos caminhar para a huma-

nização, tendo Deus como modelo, sem sermos também livres, até mesmo para rejeitar esse projeto.

Ao longo da história dos homens, muitos aderiram ao projeto de Deus e outros muitos o rejeitaram. Estes quiseram ser como Deus e propor o seu próprio projeto para o mundo. Pretenderam conhecer o Bem e o Mal, prescindindo da sabedoria e do projeto amoroso do Senhor. Este uso equivocado da liberdade de escolha é a origem de todos os males que atingem a humanidade. Por isso, tem sido chamado de Pecado Original, ou seja, aquele que está na origem de todos os mecanismos desumanizadores que se vão estabelecendo nas relações entre os homens, produzindo sofrimento e tristeza, num mundo criado para a alegria e felicidade de todos.

Há quase 3 mil anos, um sábio escritor cujo nome desconhecemos, iluminado por Javé, seu Senhor, percebeu esse desvio no interior mesmo do Povo de Deus. Influenciado pelos cananeus e seus deuses, esse povo escolhido por Deus para proclamar o Seu projeto, assumia práticas e costumes desumanizadores. Para alertar a gente do seu tempo sobre os males que

decorriam desse afastamento do projeto do Criador, escreveu uma longa história, baseada nas crenças populares sobre a origem do mundo.

Seu conhecido relato começa na metade do versículo 4 do capítulo 2 do Livro do Gênesis. O autor chama Deus pelo nome de Javé, então usado pelo seu povo. Procura mostrar o mundo que o Senhor planejou para os homens e mulheres que nele habitam. Convivendo em harmonia, entre si, com Deus e a Natureza, em paz consigo mesmos, todos os homens e mulheres, representados no relato por Adão e Eva, vivem felizes numa terra fértil e bela, livre de toda maldade.

Ao romper com o projeto de Deus, a humanidade cria condições para que o mal irrompa no mundo. O trabalho se torna um peso. Homens que deveriam viver como irmãos passam a se invejar, agredir, oprimir e matar, representados no relato, agora, por Caim. A ânsia de dominar o mundo e ser como Deus estabelece a confusão nas relações humanas, ninguém mais se entende, já não se fala uma mesma língua. A torre de Babel simboliza essa desordem na sociedade que quer prescindir de Deus.

Mas o autor do relato denuncia os desvios e ensina ao povo o que fazer para recuperar a harmonia perdida. Mostra que é de se esperar que Javé se arrependa de ter criado o Homem e resolva acabar com essa criação que se afastou do Seu projeto, salvando apenas aqueles que se mantiveram



Representados por Adão e Eva, todos os homens vivem felizes no mundo

fiéis, representados pela família de Noé. Com estes, Deus fará um novo acordo, uma aliança que recoloca a humanidade nos caminhos do seu plano humanizador. É uma velada ameaça que todos entenderam, porque estas imagens são próprias da cultura daquele tempo.

Dentre os desvios de comportamento denunciados pelo autor está a dominação do homem sobre a mulher. O homem negocia com o futuro sogro as condições para possuir a mulher, que passará a ser sua propriedade, assim como ele possui terras, camelos e cabras. Ela levará a culpa de tudo que acontecer de mal. A própria serpente, que representa a religião cananéia, em grande parte responsável pelo afastamento do povo de seu Deus, escolhe Eva, a mulher, para exercer a sua má influência sobre os homens. Adão joga a culpa do seu comportamento sobre a mulher, mas não consegue iludir a Deus. Então o javista desconhecido, assim

chamado por se referir a Deus como Javé, recorda como será a união entre o homem e a mulher, que deixarão seus pais para serem uma só carne, porque ela é como ele, "osso dos meus ossos". A dominação do homem sobre a mulher é denunciada, como contrária à humanização de ambos. Essa denúncia se estende a todo tipo de opressão entre os homens, independentemente dos sexos.

Nesse tão antigo relato, seu autor também ensina que o Deus do seu povo é o único Deus, vivo e verdadeiro, sem comparação com os falsos deuses dos cananeus e os dos demais povos. É Ele o autor de toda a Criação, transcendente e superior a tudo o que foi por Ele e somente por Ele criado gratuitamente e entregue ao homem para que dele cuide de modo responsável. Caberá ao homem, assumindo o projeto de Deus, fazer do mundo criado um lugar propício à plena humanização de todos os homens e mulheres, tal como o Paraíso poeticamente descrito. Apresenta o Deus desse povo como aberto ao diálogo com os homens, diferente dos deuses distantes e inacessíveis dos outros povos.

Num relato mais recente, passados 500 anos, os sacerdotes do povo de Deus que retorna do longo exílio, constatarem que os desvios se reavivam, por influência dos costumes e da religião do povo da Babilônia. Também eles escolhem as crenças populares sobre a origem do mundo, para denunciar esses erros e recolocar o povo nos caminhos do projeto de Deus. Esse novo relato vem colocado, no Livro

O relato da Criação denuncia toda opressão e toda forma de escravidão, ao afirmar que fomos todos criados à imagem de Deus.

do Gênesis, antes do outro, embora lhe seja posterior. Traz um conteúdo teológico mais elaborado e muito mais conciso.

No novo relato, Deus surge como o único Deus, criador de todas as coisas, contra a multiplicidade de deuses dos babilônios, que o povo hebreu já se acostumava a cultuar, durante o exílio. A criação se desenrola em seis dias e o Criador descansa no sétimo, para recuperar o costume perdido do descanso semanal, reservado ao encontro dos homens e mulheres consigo mesmos, com os outros, com a natureza e com Deus.

E contra a opressão, a dominação do homem sobre o homem e toda forma de escravidão, como à que estiveram sujeitos por tantos anos, o autor afirma que fomos todos criados à imagem e semelhança de Deus, que assim nos fez, e sem distinção, homem e mulher. Condena, portanto, de maneira especial, a dominação persistente do homem sobre a mulher.

Deixa ainda claro que o Criador entrega ao homem o domínio responsável sobre a natureza e todas as coisas criadas,

para que tudo esteja a serviço da humanização de todos, já que todos, sem exceção, são chamados a ser imagem e semelhança de Deus.

Nestas primeiras páginas da Bíblia, já estão presentes e explícitas as verdades fundamentais sobre o Homem e o mundo, segundo a fé dos cristãos. Mais tarde, Jesus vem recuperar e reafirmar, com linguagem nova, estas verdades essenciais e denunciar os seculares desvios que se foram enraizando no Povo de Deus, inaugurando uma nova relação dos homens com o Criador que agora será chamado de Pai.

Se temos um Pai comum, somos todos irmãos no Senhor e, portanto, toda forma de opressão, dominação, desrespeito ou desamor será contrária aos desígnios de Deus. Faz-se uma releitura, sob esta nova ótica, das verdades essenciais da fé do Povo de Deus, já esboçada naqueles antigos relatos, tão velhos e tão novos, anacrônicos e sempre atuais, poéticos e, ao mesmo tempo, plenos de ensinamentos práticos para quem os sabe ler.

A Fé tem consequências

É verdade que o povo judeu e os cristãos custaram bastante a entender muitos escritos da Bíblia, enquanto presos à idéia de tratar-se de uma coletânea de relatos históricos, no sentido moderno e científico do termo. Aceita a verdade



Muitos foram condenados e mortos por terem avançado nas ciências

de serem os seus autores inspirados por Deus, concluiu-se que todos os episódios nela registrados seriam a verdade histórica incontestável, por mais fantásticos que se apresentassem alguns relatos bíblicos.

Todos conhecemos as perseguições, condenações e mortes que marcaram o embate entre religião e ciência, ao longo da história, sempre que surgiam divergências entre descobertas científicas e interpretações religiosas de textos bíblicos, especialmente as dos relatos sobre a Criação. Galileu foi julgado por afirmar que a Terra não era o centro do Universo, e os astros simples adornos instalados na abóboda celeste. Para não ser condenado à morte ou prisão, preferiu proclamar publicamente o seu "erro" e viver em paz mais alguns anos. A Igreja que o condenaria severamente, em defesa da fé, reconheceu o equívoco de suas ações repressivas contra os avanços científicos, na singela cerimônia

em que o Papa recentemente anunciou a "reabilitação" de Galileu, revogando a sentença secularmente discutida. Mais recentemente, todo o poder de fogo eclesiástico foi dirigido contra Darwin e suas teorias evolucionistas. Suas obras foram incluídas no Index dos livros que os cristãos estavam proibidos de ler, sob pena de excomunhão. Com os avanços inexoráveis das ciências, as reações se vão esvaziando, depois de terem produzido alguns estragos certamente evitáveis.

Foi, portanto, com a ajuda das ciências que se tornou possível entender a Bíblia, não como um livro histórico e científico, mas uma obra catequética, que nos apresenta Deus e o seu projeto de humanização, através de imagens compreensíveis pelos homens e mulheres das épocas e culturas em que foram escritos os relatos e discursos que a compõem.

Os dois relatos da Criação, escritos em épocas remotas e distantes 500 anos entre si, continuam cumprindo hoje o seu objetivo, três milênios depois, trazendo-nos o projeto de Deus e apontando-nos os desvios que constituem a origem de todos os males.

Ver o homem e o mundo por esse prisma da fé tem consequências evidentes. Tudo passa a ser percebido, à luz dessa fé, como orientado à humanização ou contrário a essa conquista da imagem e semelhança de Deus. Aliás, é essa, segundo o Concílio Vaticano II, a função da fé.

Vale a pena recordar o que lemos na Gaudium et Spes:

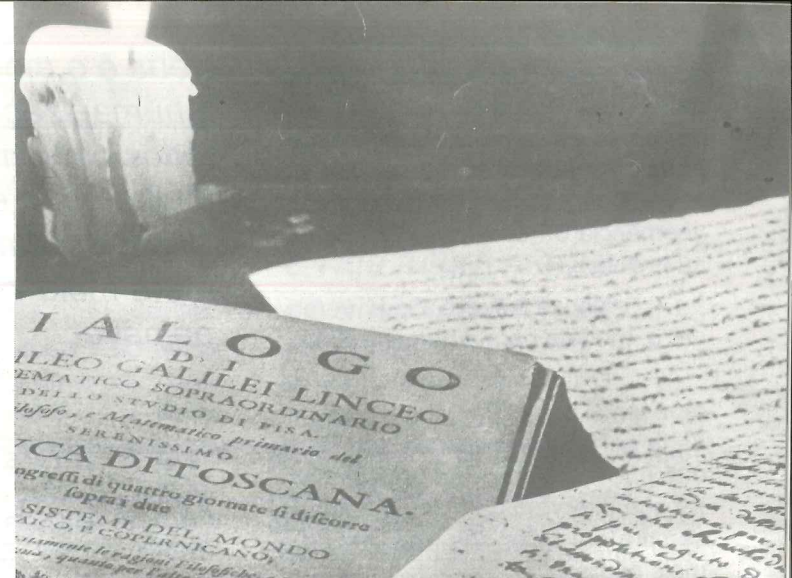
À luz da fé, tudo passa a ser percebido como ou orientado à humanização ou contrário a essa conquista da imagem e semelhança de Deus.

"Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus. A fé, com efeito, esclarece todas as coisas com luz nova. Manifesta o plano divino sobre a vocação integral do homem. E por isso orienta as mentes para soluções plenamente humanas" (G.S. 11).

Eis claramente exposta a função da fé: orientar as nossas mentes para a humanização, para a busca de soluções plenamente humanas, isto é, aquelas que apontam para a concretização do plano de Deus, ao criar-nos à Sua imagem e semelhança.

Talvez muitos cristãos, ainda presos aos antigos tratados sobre a fé; esperassem a reafirmação de uma forma de fé desencarnada e orientada para o

O caso de Galileu tornou-se paradigma do conflito entre ciência e fé, e teve por desfecho a singela cerimônia em que o papa, recentemente, reconheceu oficialmente o erro da Igreja ao condená-lo.



conformismo da nossa miserável situação de "degradados filhos de Eva", condenados a viver "gemendo e chorando, neste vale de lágrimas", esperando, conformados, o fim deste "desterro", quando todo o sofrimento estoicamente aceito encontraria a recompensa eterna. Assim se rezava na "Salve Rainha", que deveria ser reescrita para melhor exprimir essa perspectiva do Concílio sobre a função da fé.

Porque o mundo é muito bom, como constatou e proclamou o Criador, ao terminar a Sua obra magnífica. E foi entregue aos homens para que o tornassem ainda melhor, completando a obra da Criação, de modo que todos se humanizem e cheguem a ser imagem e semelhança de Deus.

Percebendo, à luz da fé, que este plano divino ainda não é uma realidade para a maioria dos homens e mulheres, porque o mundo não está sendo modelado como cenário de humanização, os

cristãos são chamados a profetizar, quer dizer, anunciar o plano do Criador e denunciar tudo o que conspira contra ou impede a sua realização. Já não há neutralidade possível. A liberdade de opção é suprimida pela fé. A escolha foi anterior, ou seja, acolher ou rejeitar essa fé, ser ou não ser cristão. Assumida a fé, abraça-se o plano de Deus e a corresponsabilidade pela sua concretização na história humana, como prenúncio de uma realidade futura de humanização em plenitude, que passa por morte e ressurreição.

Ora, a busca da humanização supõe o conhecimento do Deus da Bíblia, o Deus de Jesus Cristo, que se apresenta como modelo para o homem, Sua imagem. Um Deus bem diferente das falsas imagens tão difundidas entre o nosso povo.

Desde a infância, muitos se defrontaram com um deus-que-castiga, ou um deus-babá. Os

adultos usam Deus como "quebragatos" ou "tapa-buracos" ou, ainda, como um auxiliar "bicho-papão" para uma educação repressora de seus filhos, como desmascara com veemência o Pe. Alfonso García em suas aulas.

Não é esse o Deus verdadeiro, modelo para a humanização.

O Deus de Jesus Cristo se apresenta como Pai, como comunidade perfeita de pessoas, um Deus que é Amor e nos ama gratuitamente, que intervém na história humana sempre em favor dos mais fracos e mais pobres.

Esse é o modelo para a humanização de todos os homens e mulheres criados à Sua imagem e semelhança. E em Jesus Cristo, o modelo se torna mais visível e palpável.

Para caminhar nessa direção, Deus colocou no mais profundo do nosso ser, impulsos poderosos que nos impelem a essa busca. As ciências humanas têm estudado exaustivamente a pessoa e o contexto social em que ela se vai moldando. Assim, esses impulsos para a humanização são profundamente conhecidos e analisados com seriedade, convergindo, nessas descobertas, crentes e não-crentes, cientistas e filósofos de diferentes correntes. Variam os enunciados que traduzem, invariavelmente, as mesmas realidades.

Vale a pena recorrer a esse apoio para melhor nos prepararmos para o exercício do profetismo, no compromisso com a humanização.

Esses impulsos são os que

Deus é o modelo para a humanização de todos os homens e mulheres, e em Jesus Cristo esse modelo se torna mais visível e palpável.

impelem homens e mulheres a defender a vida, à socialização ou busca de relações com os outros, à relação homem-mulher, à construção de uma identidade original e inconfundível, à realização das suas potencialidades e à auto-transcendência ou busca de encontro pessoal com Deus.

O modelo vivo de humanização

Em Jesus Cristo, Deus assume a condição humana e assim se apresenta como modelo de humanização para homens e mulheres de todos os tempos. O evangelho é o anúncio alvissareiro de que a humanização é possível e corresponde ao projeto de Deus. É prometida em sua plenitude depois da morte e ressurreição mas já se antecipa na história humana como manifestação do Reino de Deus, sempre que homens e mulheres passem de condições menos humanas a condições mais humanas de vida. A humanização das estruturas da sociedade será sempre sinal do Reino presente entre os homens.

Jesus dedica sua vida a anunciar esse Reino e dar sinais de sua presença entre nós. Quando nos ensina a rezar, é para pedir a Deus Pai que torne realidade o seu Reino, já aqui na terra, segundo o modelo prometido para a vida eterna. "Venha a nós o Vosso Reino", que é a prevalência humanizadora da justiça e do amor sobre a injustiça e o desamor, "seja feita a Vossa vontade", ou seja, realize-se o projeto humanizador de Deus, "assim na terra", na história humana, "como no céu", que será a realização em plenitude desse projeto.

Se aceitamos que ser cristão é seguir Jesus, devemos tomá-lo como modelo de humanização e de ação humanizadora num mundo que se apresenta desumanizado e desumanizante.

Vamos destacar alguns aspectos da maneira de ser e agir de Jesus que nos apontam caminhos para uma verdadeira humanização.

O primeiro passo para compreendermos e aceitarmos Jesus como modelo para homens e mulheres de todos os tempos, é compreender e aceitar a humanidade verdadeira de Jesus, que assume plenamente as limitações humanas, tornando-se igual a nós, em tudo menos no pecado. Essa diferença única quer significar que Jesus nunca se colocou contra o projeto de Deus, como o fazemos com infeliz frequência.

Então, Jesus nasceu carente e indefeso, precisando dos cuidados diligentes de seus pais pa-

O evangelho é o anúncio alvissareiro de que a humanização é possível e corresponde ao plano de Deus para a vida futura mas que se antecipa na história humana.

ra sobreviver, aprender a andar, a se alimentar, a ler e escrever, como toda pessoa humana. Assim foi desenvolvendo sua personalidade, sob os mesmos impulsos que nos animam. Sua natureza divina se mantinha oculta, mesmo para ele, e em nada interferia em sua natureza humana, como é afirmado pelos cristãos, oficialmente, desde o Concílio de Calcedônia. Esse Concílio se preocupou em deixar isto claro, pois havia muitos cristãos que entendiam a humanidade de Jesus como uma farsa, uma encenação preparada por Deus para fingir-se homem, desempenhando um papel em que as limitações humanas não passariam de mera representação teatral para apenas transmitir uma mensagem ensaiada antecipadamente. Se assim fosse, Jesus não poderia ser modelo para o homem comum.

Não se pode, por exemplo, aceitar que Jesus já nasce predeterminado a morrer tão jovem e daquela maneira. Ele próprio não esperava por isso. Só no último ano de sua vida pública começou a ter consciência dos perigos que corria por sua pregação e seus atos. É a partir dessa percepção que ele se torna

mais cauteloso, falando por parábolas para que ficasse mais difícil usar contra ele as denúncias contundentes que fazia em público. Era de se esperar que a sua fidelidade à missão de anunciar o Reino, naquele contexto histórico marcado pela injustiça e a opressão política e religiosa, resultasse em perseguição e morte. Mas esse desfecho cruel não era condição para a nossa salvação. Fomos salvos, não pela morte, mas pela encarnação e ressurreição de Jesus. Não fomos libertados pelo sacrifício da cruz mas pela vitória de Jesus sobre a morte, estendida a todos os homens e mulheres de todos os tempos. Esse é o mistério da redenção. O desfecho histórico poderia ter sido outro. Jesus poderia ter morrido idoso, anunciando e dando sinais do Reino durante uma longa vida, vencendo a morte natural como o fez com a morte provocada pela maldade dos homens que o condenaram e executaram.

A cruz foi um acidente, esperado como probabilidade mas não indispensável para a salvação. O sentido da cruz é riquíssimo para os cristãos. É a medida da fidelidade esperada de cada cristão no seguimento de Jesus, na adesão sem limites ao projeto humanizador de Deus. Esse seguimento implica em atitudes, práticas e denúncias que incomodam e podem tornar-se uma ameaça para os poderosos, resultando em perseguições, incompreensões, perda de privilégios, prejuízos morais e materiais, sofrimento e experiências amargas de abandono e frustração. Jesus.

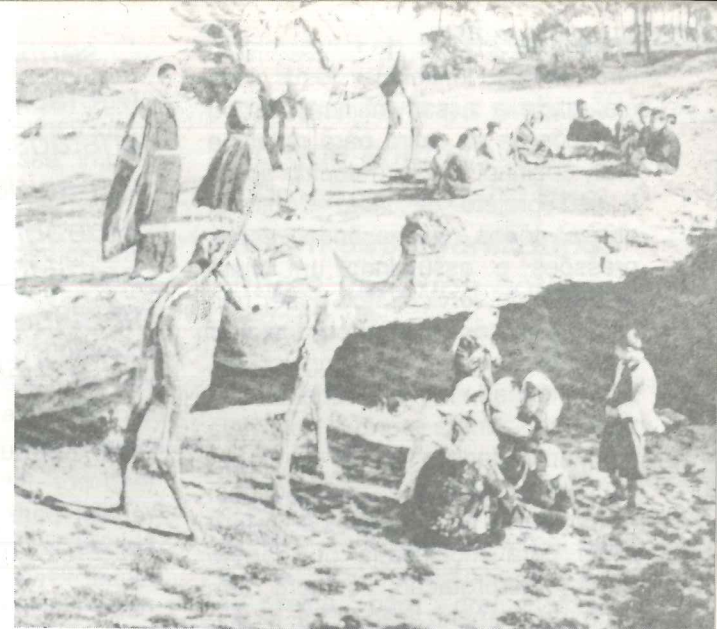
Deus coloca no mais profundo do ser humano impulsos que o orientam para a humanização, mas não faltarão obstáculos à busca de respostas a esses impulsos

sofreu tudo isto, e sofreu de verdade, por ser plenamente homem. Não foi uma encenação. Não "estava escrito", como fatalidade ou desígnio do Pai. Podia ter sido diferente.

Jesus demonstrou sempre a vontade natural e o gosto de viver. Fez amigos e amigas, convivia com o povo e tinha uma personalidade cativante. Num primeiro momento se integra ao grupo de seguidores de João Batista. A adesão à proposta e à pregação de João é formalizada pelo batismo, que significa justamente integração a um grupo, ou a uma comunidade. Pouco depois, passa a pregar ele mesmo, a anunciar o Reino, assumindo a sua missão. Vai tomando consciência da sua vocação. Sua pregação é arrebatadora e muitos o seguem. As exigências da missão que assume não impedem que visite amigos, vá a festas e viva o seu cotidiano normal, animado pelo impulso de socialização, como qualquer pessoa comum.

Em nenhum momento se referiu ao seu celibato como opção de vida. Tinha boas relações de amizade com mulheres, mas até a

Jesus sempre demonstrou a vontade natural de viver, fez amigos e amigas, convivia com o povo, ia a festas, comia com gente simples, alguns mesmo de má fama, cativava as pessoas, transmitia sua sabedoria e, assim irradiava humanização e esperança para todos.



idade em que a vida lhe é roubada, as exigências da missão, os riscos nela implicados e outras circunstâncias que a história não terá registrado, resultaram em Jesus morrer solteiro. Mas também neste caso, o celibato não era condição para a salvação. Seguir Jesus, imitá-lo e aderir à sua missão não supõe o celibato. Não se pode afirmar que Jesus se manteria solteiro por toda a vida, se a morte não o surpreendesse tão cedo.

Jesus desenvolveu uma personalidade firme e assumiu um projeto de vida claro, fruto de reflexão madura e da sua consciência crítica em relação às pressões a que estava sujeito. Construiu uma identidade que não o deixava ceder a essas pressões. Quando elas se tornavam muito fortes, Jesus se retirava para um lugar deserto, no campo ou na montanha, para refletir e tomar

decisões. O episódio das tentações no deserto ilustra esse aspecto da sua identidade. Com efeito, logo que Jesus começa a sua vida pública e se apresenta como o messias esperado, afloram as expectativas dos judeus de diferentes grupos sociais e religiosos. O povo, os fariseus, os essênios, os zelotes, os sacerdotes, cada grupo segundo os seus interesses e concepções religiosas ou políticas, esperavam um determinado tipo de messias. Uns queriam aquele que saciaria a fome dos famintos por uma intervenção mágica e poderosa sobre a natureza, transformando pedras em pães. Outros esperavam um rei que os libertasse do jugo político. Outros mais desejavam um enviado com poder divino que viesse com as suas legiões de anjos impor a todos as suas leis e normas religiosas contra todos que não a respeitavam. Certamente,

outras concepções de messianismo terão tentado influenciar Jesus. Mas ele reage a essas insinuações ou tentações e se retira para refletir e orar, sozinho, e assim decidir sobre o seu projeto de vida. Contraria quase todos, rechaçando essas pressões e assumindo um messianismo de serviço, sem poder religioso, político, material ou qualquer outro senão o de suas convicções, sua autoridade moral e sabedoria. O povo se admira porque "ele fala com autoridade". Não é um repetidor de fórmulas e escritos antigos. Ao contrário. Muitas vezes se refere à lei para modificá-la ou dar-lhe outra interpretação, sempre em vista da humanização. Cita o que está escrito na lei e nas escrituras para acrescentar: "entretanto eu vos digo". Desobedece ostensivamente leis religiosas rígidas dos judeus, quando elas impedem ou conspiram contra a humanização. Afirma que o sábado foi feito para o homem, para a humanização, e não o homem para o sábado. O descumprimento da lei é considerado uma ameaça à ordem religiosa estabelecida. As autoridades religiosas reagem e Jesus passa a ser hostilizado e patrulhado como subversivo.

Suas críticas mais severas dirigem-se agora para os fariseus e os que detêm o poder religioso. São "sepulcros caiados", cumpridores das leis mas distantes das práticas que humanizam. O samaritano não-crente é mais compassivo diante de situações de desumanização, do que levitas e sacerdotes, que deixam o ferido sem ajuda, pela pressa de cumprir suas funções religiosas.

O sentido da cruz é riquíssimo para os cristãos mas a cruz foi um acidente - uma probabilidade previsível e não um final indispensável para a salvação.

A humanização é apresentada por Jesus como o único referencial para avaliar os méritos ou culpas de cada um de nós diante de Deus: "Tive fome, tu me deste de comer, tive sede...estava nu, preso..." ou seja, o mérito vem das ações humanizadoras, aquelas que elevam os homens de condições menos humanas para condições mais humanas de vida. Nessa avaliação não figuram práticas religiosas, cumprimento de leis ou discursos. Só as práticas de humanização.

É o que Jesus pratica no seu cotidiano, curando, alimentando, animando, encorajando, superando discriminações, tocando os doentes intocáveis, tratando como pessoas de igual dignidade aqueles considerados pecadores, excluídos da sociedade porque a sua miséria ou doença teria sido consequência dos seus pecados ou descumprimento da lei.

Jesus desenvolve todas as suas potencialidades humanas, vive a sua vocação e age segundo o seu carisma, anunciando o Reino de Deus que se faz presente na história humana, sempre que está

presente a humanização, que supõe relações humanas e estruturas sociais fundadas nos princípios da justiça e do amor. Esse impulso humanizador é plenamente realizado por Jesus, que cria condições objetivas para que outros homens e mulheres igualmente rompam os obstáculos à sua própria realização pessoal. Os pobres, oprimidos, excluídos da sociedade do seu tempo, recebem esse anúncio como uma boa notícia. Por isso, Jesus manda dizer a João que o evangelho, que significa boa notícia, é anunciado aos pobres. É verdade. Para os ricos, os opressores, os privilegiados da ordem social vigente, o anúncio do Reino, já presente aqui e agora, não é uma boa notícia, não é evangelho. O anúncio de um modelo diferente de sociedade é ameaça de subversão dessa ordem estabelecida que lhes assegura tantas vantagens. É uma péssima notícia.

Finalmente, o impulso de

@ Quais as atitudes, a maneira de ser e agir, e o modelo de relações de Jesus com as pessoas e as autoridades religiosas e políticas do seu tempo? Exemplos de atitudes humanizadoras que mais nos impressionam.

@ Pode Jesus se apresentar como modelo de humanização para os cristãos? Foi um homem como nós? O que significa "exceto no pecado?"

@ Como temos vivido a nossa espiritualidade cristã, entendida como seguimento de Jesus? Que resultados humanizadores têm resultado deste seguimento? Exemplos.



"Existe uma controvérsia antiga: rico não vai preso no Brasil porque as cadeias são ruins ou as cadeias são ruins porque rico nunca vai preso? Minha opinião é que as nossas instalações carcerárias melhorariam muito se as elites comessem a frequentá-las". (Luiz Fernando Veríssimo).

O evangelho é boa notícia para os pobres porque anuncia a humanização aos que foram desumanizados: não é uma boa notícia para os que desumanizam

autotranscendência, em Jesus, se expressa por uma intimidade inigualável com Deus Pai, com quem dialoga com frequência, e quando se retira para orar. Aliás é interessante notar que Jesus costuma ir ao templo para ensinar mas se retira para o campo ou montanha para rezar.

Esse é o Deus feito homem verdadeiro, plenamente humanizado e modelo de humanização para os homens e mulheres de todos os tempos.

O novo e a Novidade

Itamar Bonfatti

O **novo** está sempre comprometido com o **povão**! Brota da sua vontade, traduz as suas tristezas e alegrias. Dores, inquietações, esperanças e expectativas. Projetos de vida e realizações, o **novo** se expressa de várias formas em cada cultura. Seja nos gestos, nas mudanças. No canto, na música. No fole da sanfona, nas cordas do cavaquinho e no sopro dos pífaros. Violão, zabumba e chocalhos.

O **novo** entre nós passa também por uma simples rede de palha, pelo bumba-meu-boi. Pelas cantigas de roda e cantorias de incêlências. Fala pelo cordel porque gosta de passar pelo mundo criticamente e não é para se estranhar a sua descaída pelo congado e pelas cantorias dos santos-reis, fogueiras juninas e rezações de terço. Festa do Divino, pelas lindas devoções a Nossa Senhora — bota lindas nisso! — e devoções outras. Ninguém deverá ficar espantado com as tantas vezes que o **novo** chega ao gostoso e rico endereço da **religiosidade popular**.

Neste contexto não poderá ser motivo de admiração o fato de nossos Bispos no **Documento de Santo Domingo** (nº 248) terem sugerido uma inculturação da liturgia. Acolhendo com apreço seus

simbolos, ritos e expressões religiosas compatíveis com o claro sentido da Fé"... acompanhando também "sua reflexão teológica, respeitando suas formulações culturais que os auxiliam a dar a razão da sua fé e de sua esperança".

Muito comprometido com o **novo** está o **antigo**. Estes dois sempre recriam porque permanecem. Daí não poderem ser confundidos com a **novidade**, que sempre sugere o **velho**. Afinal antigo é uma coisa bonita, coisa velha é outra bem diferente!

O **novo** — bom lembrar que com ele está o **antigo** — ensina, não induz. Acompanha, reflete e respeita a prática do **povo** permanentemente obediente à sua retaguarda. Tão ao contrário é a **novidade**! Bom recordar que ela está sempre de braços com o **velho** — necessita de patrocinadores e muita manipulação da propaganda. Não poucas vezes até de "festivais internacionais" que nada dizem ao **povo** mas apenas àquela reduzidíssima faixa de uma bem nutrida e acriativa platéia, anestesiada e lucrativa condutora de propaganda.

Muito provável está aqui o porquê o **evangelho** é sempre **novo** e a **religiosidade popular** um dos seus canais. Com isto conclui-se

sem dificuldades que faz parte da **educação religiosa** o respeito e o cultivo pelo **novo**, expressões de fato do **povo** não poucas vezes espaços de culto e mantenedores da consciência de **nação** e com ela também a consciência de **cidadania**. E pensar que em passado não tão distante assim, manifestações religiosas nossas foram pichadas de "superstições" pela ingenuidade de nossos missionários, pessoas que vinham de um outro contexto cultural e com cabeça muito própria da época, tempo aquele quando se confundia **uniformidade** da Igreja — Igreja de Cristandade com... **unidade** da Igreja — Igreja Sinal segundo o Concílio Vaticano II.

Que passou, passou... mas sempre é bom recordar pra evitar recaídas saudosistas, dentro de uma visão superada de Igreja. Sem falar que existem por aí... muito coelho-de-páscoa, árvore-de-natal, papai-noel e outras coisas **velhas** para nós cá da América Latina, embora sejam **novas** em Países outros, de onde tais símbolos vieram.

E pensar que o MFC propôs e insiste esta busca de liturgias,

@ Como entendemos as diferenças entre novo e novidade, entre antigo e velho, como definidos pelo autor? Exemplos.

*Aviso aos passageiros. No início de mais um vôo para a Europa, depois das demonstrações dos equipamentos de emergência, o comissário avisa, com o delicioso sotaque d'além mar: "Senhores passageiros, atenção para os avisos no interior desta aeronave. Mas cuidado com algumas palavras trocadas. Onde se lê **push**, não **puxe**, empurre. Onde se lê **pull**, não **pule**, **puxe**. E onde se lê **exit**, não **hesite**, **pule**!"*

O documento de Santo Domingo recomenda uma inculturação da liturgia para acolher seus símbolos, ritos e expressões religiosas compatíveis com a fé.

gestos e paraliturgias dentro da nossa realidade continental, cerca de 40 anos desde a sua fundação! Nosso profetismo se sentiu gratificado com aquele apelo de nossos Bispos no **Documento Santo Domingo** nº 102: "É necessário acompanhar os movimentos em um processo de **inculturação** (o grifo é nosso) mais definida e estimular a formação de movimentos com **perfil latino-americano**" (novamente grifo nosso).

Sem falar também de devoções que são lindas no seu contexto de origem mas que nada dizem pra gente porque muitas são descoladas da nossa realidade latino-americana e caribenha.

Ave Maria, **Aparecida do Brasil**, sempre **nova** para nós. Que seja louvada com sanfonas e cantorias, com incêlências e cavaquinhos. Amém!

Desprezo pela vida assusta

Equipe de Redação

O número de mortes violentas é crescente e assustador, em todo o país. O número fantástico de assassinatos nos dias de Carnaval na Grande São Paulo, as dezenas de mortos por deslizamentos de terras no Rio, as cifras absurdas de mortes e inválidos em acidentes nas estradas, tudo num curto período de menos de uma quinzena, nos deixam a todos estarelecidos.

Provocadas por essas notícias alarmantes, revelam-se estatísticas pouco divulgadas: essas mortes acontecem com sinistra regularidade em todo o país, onde se mata e se deixa morrer com absoluta insensibilidade, resultando números assombrosos de mortes e ferimentos evitáveis.

Apresentam-se, então, os números de outras formas de desprezo pela vida, que não se destacam no Carnaval: os acidentes de trabalho e a morte por falta de atendimento médico adequado.

As causas imediatas apresentadas são sempre as mesmas: impunidade, falta de policiamento, alcoolismo e consumo de drogas, imprevidência na administração das cidades, rodovias e hospitais, falta de segurança no trabalho, ocupação desordenada e temerária de encostas de morros por favelas em permanente expansão, e por aí vão os diagnósticos usuais.

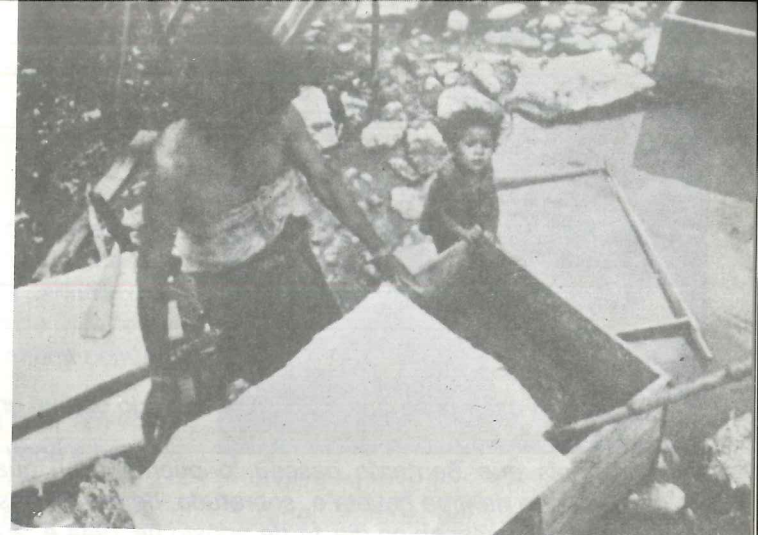
De repente, uma revelação espantosa, que esperamos ver desmentida. E que manda para a sombra todos esses

números assustadores: morrem por ano 300 mil pessoas por infecção hospitalar no Brasil! Quer dizer, por uma infecção adquirida no hospital em que estavam sendo atendidas por outra enfermidade. São quase mil mortes por dia! E parece que ninguém se sente culpado, ninguém é processado pelas vítimas ou detido pela polícia. O culpado é o destino ou um ente abstrato, chamado serviço hospitalar ou sistema de saúde. Lamenta-se, misturam-se lágrimas e indignação passageiras, e a vida continua.

Na raiz de tudo, na verdade, está a crescente desvalorização da vida, uma cultura de morte; a exaltação da brutalidade por todos os meios de comunicação, que torna a morte violenta um espetáculo rotineiro regado a sangue na TV; a tensão psicológica explosiva produzida pelo desemprego e pela miséria; a falta de sensibilidade frente a estes e aos demais problemas sociais e, portanto, a não priorização de políticas e programas de cunho decididamente social capazes de atenuá-los.

O que vemos é a priorização de obras vistosas de embelezamento de cidades em prejuízo das que poderiam melhorar a segurança física e a qualidade de vida dos mais carentes, os primeiros a morrer nas catástrofes da natureza; é o abandono das rodovias que permite prever com terrível exatidão quantos morrerão a cada ano (e a reação de motoristas imprudentes contra o controle do tráfego e "multas abusivas" por excesso de velocidade, como gritavam os taxistas na "carreata" de

Com assustadora frequência o noticiário nos mostra deslizamentos de terras com mortes nos morros e beiras de rios das cidades, que qualquer engenheiro municipal preveria se apenas passasse de vez em quando por esses lugares.



protesto nestes dias em frente ao palácio do governador do RJ); é a propaganda elegante e insinuante do consumo de álcool; são os baixos salários e as péssimas condições de trabalho dos médicos dos hospitais públicos, e tantas outras cumplicidades diretamente geradoras de morte.

Ora, estes dados que estamos comentando, ocuparam muitas páginas dos jornais e espaços na TV nos dias seguintes ao Carnaval. Espaços que nas semanas anteriores foram ocupados sucessivamente pelo Banco Econômico, o Sivam, a escuta telefônica, o drama dos sem-terra, a pasta cor-de-

rosa, o Banco Nacional, o IPC dos congressistas e outros temas que logo vão desaparecendo do noticiário, segundo o que decidam os donos de jornais e TV, de acordo com seus interesses, conveniências e às vezes discretas negociações sobre silêncios obsequiosos.

É o que certamente vai acontecer com a revelação desses fatos e números escandalosos, esvaziando a denúncia das causas e as exigências de providências diante da verdadeira matança de cidadãos que acontece com macabra cumplicidade geral neste sofrido país. O genocídio prosseguirá em silêncio. Se o nosso próprio silêncio permitir.

@ Concordamos que há hoje mais desprezo pela vida? Exemplos.

@ Como reverter essa situação de violência e morte? O que deve ser feito? O que nós mesmos podemos fazer?



Para compreender o espírito da sociedade competitiva. Dois homens foram acampar na floresta. Armaram a barraca e dormiram a primeira noite. Ao amanhecer, ouviram o rugido de um leão e logo viram que ele já se aproximava, contente com a descoberta de sua primeira refeição. Decidiram fugir pelos fundos da barraca. Um dos homens parou antes para calçar os tênis. O outro esbravejou: "Não há tempo para calçar tênis, vamos correr já!" Mas o amigo continuou se calçando e explicou: "De tênis, eu corro mais do que você..."

Eu e você, pai

Beatriz Resende Reis

Escreví esse poema aos 26 anos, quando estava grávida de Bernardo, meu primeiro filho.

Depois que Bernardo nasceu, o poema ficou guardado, por muitos anos, dentro de uma gaveta e, sobretudo, dentro de nosso coração.

Bernardo nasceu no dia 11 de agosto de 1944 e, aos 30 anos, voltou à casa do Pai.

Temos certeza de que o Senhor o acolheu no seu amor e com ele mergulhou na paz e na alegria.

Resolvi publicar hoje esse poema escrito há mais de 50 anos, porque talvez ele possa ajudar os futuros papais e mães a descobrirem o relacionamento de amor e ternura que poderão ter com seus futuros bebês, na fase pré-natal.

E como esse relacionamento pode ser fonte de alegria e de crescimento para três: pai, mãe e seu bebê.

As citações entre aspas são traduções livres de textos do livro de Charles Péguy, "O Mistério dos Santos Inocentes".

Janeiro

Meu pai querido,

Desde o dia em que mãe teve certeza de minha presença fizemos, eu e ela, uma espécie de "complô", de que você nem desconfiou, pai bobinho.

Mas, não precisa se assustar — foi um "complô" de amor: mãe me falava em você, e eu ia aprendendo a amá-lo. Assim nós fomos aumentando cada vez mais o nosso amor, pai — e continuaremos a aumentá-lo, dia a dia, até

que ele se torne maior que o mar, até que ele se torne sem medida.

E assim, pai, no dia em que eu nascer, você receberá todo o meu carinho — carinho que eu fui ditando à mãe, e que ela foi escrevendo, por mim, nesse caderno.

Sabe pai querido? Por enquanto, ainda não sei quem sou, não sei nada — a não ser que, para mim, você é a pessoa mais importante do mundo — e que aqui onde estou — dentro de mãe — o calor é tão bom, que eu fico

pensando que ele deve ser feito de amor.

Fevereiro

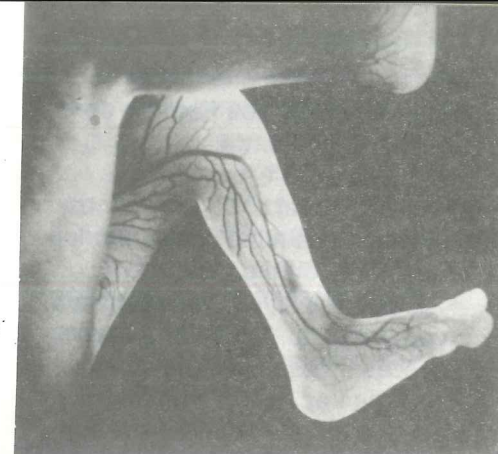
Meu pai, quanto mais eu vou crescendo (e mãe vai ficando mais gordinha) mais carinho, mais amor cabem dentro de mim, e mais intensa se torna, a minha conversa com mãe.

Continuamos a falar em você, pai, em tudo o que você é na minha vida. Eu já sei que você é aquele a quem o Pai do Céu me entregou, para que você me guie e me faça uma pessoa. Eu já sei que você me deu de presente à mãe para que ela me guardasse enquanto você tem que sair para ganhar o nosso pão — e mãe, então, não encontrou lugar melhor para me esconder, do que embaixo do seu coração, dentro dela, onde o calor é feito de amor, e onde eu me sinto em minha casa.

O coração de mãe bate em cada segundo, e eu já entendo perfeitamente o que ela quer dizer: Dorme em paz, nenem; mãe e pai vigiam como dois anjos da guarda.

Mãe já me ensinou também que, agora, ela é um grande aquário transparente, em que o Pai do Céu se debruça a todos os instantes, para ver crescer o seu peixinho dourado.

E o seu peixinho vai crescendo, pai, e você o vai enchendo de Amor. E ele sente que, embora tão pequenino e indefeso, ele pode abraçar todo o mundo, tudo o que



existe, num grande abraço de Amor. Porque, pai, esse peixinho dourado não é mais do que o dom do seu Amor, é o seu Amor personificado, como o Espírito Santo.

Você sabia, pai, que dentro de mãe, lá onde você plantou a sementinha, tudo era assim tão cheio de luz e de beleza? Você sabia que os anjos me olham cheios de espanto?

E que o Pai do Céu sorri para mim?

O', pai! como deve ser grande a sua alegria!

Março

Outro dia na Missa, pai, havia uma palavra linda, que tem ficado todos esses dias, ressoando como um sino nos nossos ouvidos — nos meus e nos de mãe. E nós dois juntos, fomos explorando a palavra, fomos procurando descobrir tudo aquilo que ela significava, e ficamos maravilhados. Isaías nos diz que devemos abrir nossa alma ao Faminto. E nós descobrimos que eu, pai, embora tão pequenino, sou

o grande Faminto que bati às portas de vocês: sou Faminto de vida, de luz, de amor.

Então, você e mamãe me receberam, e, abrindo suas almas, ou melhor, sua alma única, me esconderam dentro dela.

E agora, pai, eu vou crescendo, e vou dilatando, "abrindo" a alma de vocês — essa alma que tem que ficar cada vez maior, para poder abraçar o grande Faminto que sou.

É por isso que, quando chegar a minha hora — aquela hora linda em que a Vida, a Luz e o Amor me serão dados sem medida — eu rasgarei o corpo de mamãe, num dilaceramento que é uma abertura para o Faminto. Num dilaceramento que não é mais que um símbolo daquela grande abertura de alma que eu vim trazer a vocês.

Não fique triste comigo, pai, se eu ferir o corpo da minha mãe. Muito maior é a abertura que o Espírito Santo fez em sua alma, para que ela fosse capaz de me receber e me amar.

E eu tenho a certeza, pai, que, embora o seu corpo não seja aberto, a sua alma se abrirá em um grande lago profundo, onde seu nenem poderá brincar de mergulhar.

Obrigado, pai, pelo lago tão lindo que você me deu. Obrigado, sobretudo, pela luz dos seus olhos — essas duas estrelas que me guiam na travessia do amor.

Abril

Quanto tempo de silêncio, pai!
E quanto progresso tem feito o seu pequeno Faminto. Eu já sei

brincar com minhas pernas e meus braços, e já sei nadar dentro de mamãe, justamente como irei nadar no seu grande lago, pai.

Mamãe e eu andamos num silêncio de contemplação e amor.

Ela sente o meu brinquedo e sorri... e eu, animado por seu sorriso, brinco cada vez mais.

E você, pai, é você que anima o meu brinquedo. Através dos olhos e do sorriso de mamãe, é a você que eu vejo. Mamãe é somente a sua sombra, para que meus olhos pequeninos não se ceguem ante a sua majestade de homem. E, olhando mamãe, eu vejo você, como uma grande sombra de Luz que envolve o seu nenem — sombra daquele que é nosso Pai — e que nos completa cheio de encantamento.

Porque, pai, sou eu que faço a delícia do nosso Deus.

É olhando para mim que ele descansa seus olhos cansados — porque é em mim, pai, que Ele encontra a Sua Beleza — eu não sou mais que o seu espelho; e isso pai, justamente porque eu sou um "pequenino", um daqueles para quem Ele construiu o Seu Reino, e a quem Ele deu os seus anjos como guarda e guia. Como não brincar diante dele, pai? Como não lhe mostrar que tudo em mim se abre e se dilata para poder recebê-lo?

Maiο

"Nada é tão belo, diz Deus, como uma criança que dorme, fazendo do sono sua oração.

Digo a vocês, mais uma vez: nada é tão belo no mundo. É verdade, jamais vi coisa tão linda no mundo! E, no entanto, vi muitas belezas no mundo.

Tinha que ser assim, pois minha criação transborda beleza. Minha criação transborda maravilhas. São tantas que os homens não sabem onde colocá-las.

Vejam: são milhões e milhões de astros e eu os vi, rodando debaixo de meus pés, como areias do mar.

Vi dias ardentes como chamas. Dias de verão, de julho e de agosto.

Vi tardes de inverno colocando um manto sobre a terra.

Vi tardes de verão, calmas e doces, como um derramar de paraísos,

Todas formadas por constelações de estrelas
Vi os terrenos da Meuse, com suas igrejas que são minhas próprias casas,

E Paris, e Reims, e catedrais que são meus próprios palácios, meus próprios castelos,

Tão belos que os guardo no céu!

Vi a capital do reino, e Roma, capital da cristandade ouvi cantar a missa e as vésperas triunfantes.

Vi essas planícies e vales da França que são mais belos que tudo.

Vi o mar profundo e a profunda floresta, e o coração profundo do homem.

Vi corações devorados pelo amor durante vidas inteiras, Perdidos de caridades,

queimados como chamas.

Vi mártires, tão cheios de fé, assar como carne no braseiro, sob os dentes de ferro (como soldado que agüentaria, sozinho, toda uma vida, apenas pela fé, para seu general (aparentemente ausente)

Vi mártires queimar como tochas, preparando assim suas palmas verdes

E vi, brilhar como pérolas, sob as grades de ferro

Gotas de sangue que resplandeciam como diamantes

E vi brilhar como pérolas, lágrimas de amor que durarão mais tempo que as estrelas do céu

E vi olhares de oração, olhares de ternura

Perdidos de caridade que brilharão eternamente nas noites e nas noites.

E vi vidas inteiras, do nascimento à morte, do Batismo ao Viático se desenrolarem como um belo novelo de lã

Ora, eu digo, diz Deus, que não conheço nada tão belo no mundo

Como uma criancinha que dorme fazendo, do sono, uma oração, sob a asa de seu anjo da guarda

E que ri para os anjos quando começa a dormir.

E que, nesse momento, mistura tudo e não compreende mais nada,

E que confunde as palavras do Pai Nosso, a torto e a direito, com as palavras da Ave Maria

Enquanto um véu já desce sobre suas pálpebras,

O véu da noite sobre seu olhar e sua voz.

Vi os maiores santos, diz Deus.

E digo a vocês, portanto que jamais vi nada tão engraçado, e por isso mesmo, nada mais belo no mundo, que uma criança que dorme, fazendo do sono uma oração (que esse pequenino ser que adormece na esperança)

E que mistura seu Pai Nosso com sua Ave Maria

Nada é tão belo. Este é até um ponto em que a santa Virgem concorda comigo.

Posso mesmo dizer que é o único ponto em que estamos de acordo. Porque geralmente, temos pontos de vistas contrários

Porque ela se coloca do lado da misericórdia

E eu, por isso mesmo, me coloco do lado da justiça",

Como não pular, pai, como não rezar, como não agradecer? E é por isso que eu rezo com tudo o que eu tenho — com os meus pobres músculos pequeninos. É por isso que eu pulo e brinco diante do meu Deus, do meu Deus que me vê e me ama através os seus grandes olhos de Luz.

Junho

Os meus dias estão contados, pai, e a Vida já me aparece como um lindo sol de ouro. E eu já pressinto a plenitude que se apoderará de mim, de uma vez, que entrará dentro de mim como um furação... e o meu primeiro grito, então, não será uma coisa puramente biológica, como querem as pessoas grandes e sábias. Será uma coisa muito mais linda, pai.

Será o grito da alegria da vida — da aceitação da plenitude — da liberdade que se torna infinita, do Amém.

E, desde então, serei uma pessoa "presa" da Vida. E você estará perto de mim, pai — e você receberá o meu grito em seu coração — para que lá, nada o possa deturpar — para que, no silêncio de sua vida, ele ressoe sempre puro, virgem, como na primeira vez.

Para que minha vida se torne a realização desse grito, para que tudo se torne silencioso, à escuta...

Então, todos descobrirão em mim o mistério da Infância... e a Infância julgará o mundo, pai.

"É preciso que eu venha cheio de esperança,

Para romper o silêncio de tudo o que está triste..."

Você conhece isso, pai?

Agosto

Agora, pai, que seus olhos se tornaram grandes e luminosos, eu já posso chegar. Pois eles me envolverão — me iluminarão — e eu nada terei a temer. O dia se aproxima, pai, em que seus olhos me verão — por meio deles, eu receberei a sua mensagem de amor, e penetrarei até o mais profundo do seu ser, marcando-o para sempre. Você será pai para a eternidade.

O dia aproxima-se cada vez mais. Que seus olhos se tornem cada vez maiores e mais brilhantes, para que nenhuma estrela possa ofuscá-los.



11 de Agosto

Como eu amo seus olhos, pai! É neles que eu quero encontrar a Vida.

Os meus passos já ressoam pelas estradas e os anjos se calam para ouvi-los.

Quem é este que se aproxima como a aurora — forte como um exército em combate?

Sou eu, pai, eu que só sei vagir, mas que trago em mim a virgindade. Eu que quero repousar a cabeça em seu peito, para que,

mesmo antes de saber falar, você me ouça dizer:

Como eu te amo, pai!

"Eu não conheço nada tão belo no mundo, diz Deus,

Como uma criança pequena e fofinha, orgulhosa como um pagem,

Tímida como um anjo, que diz vinte vezes bom dia, vinte vezes boa noite pulando, rindo, entregando-se a esse brinquedo por ela inventado..."

Meditação sobre a morte

Alceu Amoroso Lima

Sempre tive o maior respeito por quem considera a morte como o fim da vida. Principalmente pelos suicidas. Inclusive porque, por muito tempo, também assim pensei. Mas hoje creio, cada vez mais firmemente, que, ao contrário, a morte é justamente um desdobramento da vida. Apenas acompanhado por uma ferida, que é neste mundo tanto mais incurável, quanto maior o nosso amor pelos que partem. A morte desdobra a vida porque começa um novo modo de viver. E, ao mesmo tempo, multiplica e comunica às coisas e aos acontecimentos o rastro de nossa existência terrena. A vida é uma plenitude. Das pedras do caminho à meditação mais profunda do sábio sobre o mistério do próprio ser, a vida é um contínuo crescimento. Um crescimento em ascensão e extensão. Cada vez mais alto e mais amplo. Cada vez mais apto, igualmente, a vencer os motivos do não viver, que a todo momento nos assaltam, à medida que a tentação do não-ser e a vertigem das alturas acompanham esta nossa ascensão e essa sede de totalidade que representam a dignidade e a grandeza de viver.

Pois se o homem é a única criatura capaz de negar a Deus

(pois todos os seres irracionais são isentos do mal da dúvida e vivem em Deus sem o saber e afirmando Sua existência pelo simples fato de viverem), também é ele a única espécie capaz de suicidar-se. De suprimir intencionalmente sua própria vida. Como tem o privilégio de sentir e de pensar, de modo irresistível, essa plenitude da existência que nos leva a viver, ao mesmo tempo, o início da eternidade.

Ora, a morte é justamente o momento supremo da vida, que nos coloca no limiar dessa eternidade. Por isso mesmo é que os santos, em todos os tempos, a chamaram ou pelo menos a consideraram como sendo a própria porta da vida. Da vida verdadeira. Da vida que se completa e assume a sua própria e singular natureza. Se o direito supremo de cada homem é o direito à vida, o seu dever supremo é o de vivê-la em sua máxima integridade. Se a vida merece, como nenhum outro valor humano, o qualificativo de Bela, não é por ser bonita, vista ou gostosa, mas por ser Eterna. Por conter em si própria o segredo da imortalidade. Se devemos o maior respeito pela vida própria e pela vida alheia, se matar ou matar-se é um crime que só mesmo a misericórdia de Deus pode expiar, é

que a vitória sobre a morte está contida no próprio ato de viver em plenitude. Se não temos apenas o direito mas o dever de gozar plenamente a vida, e de vivê-la com todo o amor e com toda a intensidade, é que a própria morte é incapaz de a mutilar e muito menos de a suprimir.

Não precisamos da sabedoria dos sábios, nem mesmo das palavras divinas da Revelação cristã, para penetrarmos esse sentido integral da própria mensagem que a vida contém em si mesmo, pelo único motivo de existir. É vivendo que amamos a vida. E se o mal, a dor, o sofrimento, as injustiças, os absurdos em que a todo momento tropeçamos ao longo do caminho, se temos horror à morte, em suma, é porque a vida é mais forte do que a morte. Não foi preciso que São Paulo o dissesse e todos os santos e sábios o repetissem. Não foi preciso que a mensagem divina e as lições de todas as religiões o proclamassem — para sentirmos e pensarmos esse fato absoluto: a vida só é verdadeiramente vivida quando vem a morte e nos leva do tempo à Eternidade. A morte, portanto, é a chave do segredo da vida. Da vida vivida em sua plenitude. Esse o sentido de todas as religiões. E por isso Laplace chamava o homem de animal religioso. Com a diferença, entretanto, entre as religiões imanentistas e transmigratórias da alma, onde a vida e a morte se confundem em sua circularidade, e tudo é, ao mesmo tempo, efêmero e eterno, como na imagem do círculo hindu,

A vida só é verdadeiramente vivida quando a morte nos leva do tempo à eternidade: a morte é a chave do segredo da vida.

simbólico da existência; e a singularidade do Cristianismo com sua verticalidade e passagem direta da imanência à transcendência e do tempo à eternidade. Daí ser a morte a entrada desse desdobramento vertical da vida, que torna a vida eterna um eterno presente. E permite uma união contínua entre a vida precária no mundo dinâmico, antes da morte, e a vida fixada na estática do eterno, após ela. É nessa vida eterna que, não só "memória" desta vida se consente, mas também reluz a grande Esperança que nos leva a uma presença e a uma continuidade indissolúvel entre os que partiram e os que ficaram. Jamais nos separando de todo, quando um amor verdadeiro nos uniu, alguém da morte.

Mas é ainda mesmo esse alguém da morte que a morte aumenta nesse desdobramento de sua unidade fatal. Os mortos que nos são queridos passam a viver mais intensamente conosco depois da morte. Embora acompanhados dessa chaga incurável em vida, com que nos deixaram, ao passarem para a vida eterna. Pois essa união conosco, depois da morte,

não é nenhuma espécie de materialização espírita ou mesmo parapsicológica. É uma união singular no Espírito, comunicada às coisas ou aos acontecimentos. É nesse sentido que a morte é um desdobramento da vida. Ao partirem, os mortos que mais queremos, continuam a viver conosco uma vida quotidiana. Nos mais simples e íntimos momentos de nossa vida normal. Sua morte, a morte dos bem-amados, os revive nos objetos em que tocaram, nas palavras que com eles trocávamos, nos fatos que juntos havíamos vivido; até mesmo naqueles fatos novos que se seguiram à sua partida, que lhes comunicamos e com eles conversamos e debatemos como em vida.

Não se trata apenas daquele governo abstrato dos vivos pelos mortos a que Augusto Comte se referia. Trata-se de uma vivência concreta, talvez até mais profunda do que a realmente vivida e que faz com que os mortos mais queridos nos acompanhem em todos os momentos, como se continuassem a viver mesmo depois da despedida. Essa é terrível, sem dúvida. É incurável, na própria medida em que mais os amávamos. A separação só será superada pela futura reunião, naquele outro desdobramento da vida, que só a morte permite, fazendo da separação um tipo novo de convívio. Conviver com os mortos é viver duas vezes. Pois a morte, como o vento, leva e traz. O vento leva as nuvens, clareando o céu, ou traz a sombra e a chuva. A morte leva física-

Ao partirem, os mortos que mais queremos continuam a viver conosco uma vida quotidiana nos mais simples momentos da nossa vida normal.

mente os nossos amados e os traz de volta, multiplicados nos mínimos atos de sua antiga presença conosco. Pois a morte é o reverso do amor e inseparável da vida. Já que nascemos para a vida com a morte e renascemos para a plenitude da vida pela morte. Com ela e depois dela revivemos os momentos mais íntimos e cotidianos dos nossos amores, a navalha com que ele se barbeava, os grampos com que ela prendia os seus cabelos. Tudo revive. As coisas passam a ter uma vida nova.

Essa dupla presença é que torna ambígua a morte. Leva-nos os que amávamos, mas continuamos a amá-los ainda mais nessa nova vida ressuscitada e portanto sem mais risco de ser perdida. Mas os restitui, também, multiplicados por essa sua presença nos objetos que os bem-amados tocaram e agora se tornam muito mais vivos porque banhados de eternidade. E também muito mais dolorosos, porque evocadores da implacável separação. Mas a morte só é uma transição do presente ao passado, quando nos é indiferente, por ser a de um estranho ao nosso coração,

a quem devemos apenas um amor de dever e não do próprio amor. Quando a morte é dos que amamos de amor amado, ela é a passagem de uma presença precária, a uma presença perene e permanente. Perene na eternidade. Permanente no tempo.

Presença banhada de Esperança e de Saudade. Portanto de alegria e de sofrimento que faz da morte uma ambigüidade, que não devemos nem amar nem odiar. Ela não foi criada por Deus mas pela traição do homem à liberdade com que seu Criador o criou. Fruto de uma traição, deveria ser odiada e nunca procurada. Mas como representa o próprio caminho da vida eterna, pois foi por sua morte que o Cristo nos restituiu a vida, devemos respeitá-la por ser a porta da vida que não passa, embora nos traga o sofrimento e a ferida com que a separação dos nossos amores nos deixa para sempre mutilados aqui na terra. Pois só a morte, como a lança de Amfortas,

A morte dos que amamos é a passagem de uma presença precária a uma presença perene na eternidade e permanente no tempo.

no mistério medieval, pode curar as feridas que ela própria produz. Sempre ambígua em sua natureza, ferindo e curando, levando os nossos amores e os restituindo banhados de eternidade. Revivendo, a nosso lado, por essa humilde e invisível presença de cada dia, de cada hora, de cada momento, com que banhamos de esperança a nossa saudade. E de alegria a certeza de que nossos mortos mais unidos passam a velar por nós em sua plena vida. E a reviverem conosco, a nosso lado, a nossa vida mais íntima de cada dia. No silêncio de cada noite.

@ Temos dificuldades para lidar com a expectativa da morte? Por que sim ou não?

@ Temos experiência de perdas de pessoas queridas pela morte?

@ Que aspectos abordados nesta reflexão do autor mais nos impressionou ou esclareceu sobre a realidade da morte?

A função da arte. Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente dos seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: -"Me ajuda a olhar!" (Eduardo Galeano)

A mulher e a política

Frei Cristóvão Pereira

A revolução da cordialidade na qual o "eros", a afetividade, o cuidado, a ternura, o coração, a vida constituem valores fundamentais, abre um espaço único, até agora negado ou então consentido sob reservas, para a participação da mulher na vida pública. Do econômico para o social e daí para o político, a distância é pequena. É questão de tempo, tanto mais que essas dimensões da vida humana se envolvem mutuamente, tendem a se integrar. Uma puxa a outra e se completam. Da emancipação econômica da mulher aflorou sua emancipação sexual e agora elas, a nível mundial, lutam por sua emancipação política, reivindicam sua condição de cidadãs, sua cidadania.

Recentemente o encontro de nossas mulheres parlamentares realizado em S. Paulo, lançou o desafio de que cem mil mulheres disputarão cargos de vereadoras em todos os municípios brasileiros.

A IV Conferência Mundial da Mulher, realizado em Pequim, que durou 12 dias, aprovou dois documentos: A Plataforma de Ação e a Declaração de Pequim. Nestes dois documentos pode-se constatar um elevado grau de consenso entre os

diversos países representados no que diz respeito aos principais problemas e desafios que surgirão nos próximos anos.

Há um desafio e uma consciência crescente quanto à busca da igualdade de desenvolvimento e da paz entre os povos na esteira das outras conferências mundiais realizadas pela ONU ao longo desta década sobre as crianças (Nova Iorque, 1990); sobre meio ambiente e desenvolvimento (Rio de Janeiro, 1993); sobre direitos humanos (Viena, 1993); sobre população e desenvolvimento (Cairo, 1994) e sobre o desenvolvimento social (Copenhague, 1995).

O avanço maior é fazer reconhecer os direitos da mulher como uma questão de direito humano.

Estudiosos do assunto apontam os direitos humanos como a razão de ser de toda atividade política, estabelecendo um laço estreito entre Ética e Política, fazendo brotar desta pano de fundo toda a eticidade da vida política, cujos meios, mediações (tática), devem-se coadunar com o seu fim último (estratégia) e solidariedade universal, a fraternidade humana.

Ora, é justamente nesta direção que a mulher teria e tem a

A presença ativa da mulher na política vem incorporando novos valores e atitudes que terão cada vez mais profunda influência sobre a maneira de fazer política no nosso país.



sua contribuição única e específica a dar. Com isso talvez tivéssemos menos violência e corrupção no mundo da Política, tão dominado e influenciado pelo homem!

Há também avanço no reconhecimento da necessidade de ampliar a participação da mulher nas instâncias de decisão política e econômica. Com isso surgiu a bandeira, entre nós já um fato legalizado, de incorporar na Lei Eleito-

ral uma emenda que determine que os partidos políticos tenham, no mínimo 20% de mulheres entre seus candidatos.

Mas não sejamos ingênuos, não basta só mudar a Constituição para corrigir as distorções. Impõe-se toda uma mudança de Cultura da cultura machista que discrimina a mulher. A mulher tem que estar nos mais altos degraus do Executivo, do Legislativo e do Judiciário.

@ A participação da mulher produz modificações na maneira de fazer política? O que a mulher traz de novo para o cenário político?

@ Ainda se percebem sinais de machismo diante da realidade da crescente participação da mulher na política? se existem, como se manifestam? Exemplos.

@ E como vai a participação da mulher nos demais campos da vida da sociedade? Nas profissões antes reservadas aos homens, nas estruturas sociais intermediárias, na economia, na cultura, na religião? O que ainda permanece vedado à participação da mulher na sociedade? E na Igreja?



"Se um homem não sabe a que porto se dirige, nenhum vento lhe será favorável". (Sêneca).

O pluralismo no desígnio salvífico de Deus

Faustino Teixeira
Teólogo

O diálogo interreligioso constitui hoje um dos desafios mais importantes para a reflexão teológica e à vida eclesial. No limiar do terceiro milênio não há mais possibilidade de se pensar a construção da identidade cristã fora da dinâmica relacional. Na realidade atual, caracterizada pela grande rapidez das comunicações, pela mobilidade cultural e interdependência, o fato do pluralismo religioso emerge como um dado experiencial comum a todos. Esta nova perspectiva transforma radicalmente às estruturas de plausibilidade que protegiam a interioridade social do ser crente, relativizando os conteúdos normativos da consciência e abrindo novas e inusitadas possibilidades.

O traço do pluralismo religioso, agora como "realidade cognitiva" de nosso tempo, instaura a necessidade essencial de uma perspectiva dialogal para a identidade cristã. O horizonte da alteridade deixa de ser sinônimo de inautêntico, inválido e indigno de Deus e passa a constituir-se itinerário essencial na afirmação da singularidade cristã. "O encontro das religiões é no fundo um encontro de horizontes. E é somente na medida em que aceitamos o outro horizonte em sua alteridade que chegamos à

identidade verdadeira de uma religião."¹ Esta nova consciência não incorre necessariamente na assunção de um indiferentismo religioso, mas provoca, sim, uma nova sensibilidade teológica e eclesial voltada para o imperativo categórico do diálogo interreligioso, aqui entendido como "o conjunto das relações interreligiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento."²

O desafio do diálogo interreligioso num mundo pluralista tem provocado de forma decisiva a reflexão teológica cristã e apontado para uma "nova figura histórica do cristianismo"³. Novos horizontes acompanham a dinâmica de um cristianismo convocado ao diálogo interreligioso, de um cristianismo inculturado e plural, sensível aos sinais dos tempos e às riquezas das novas perspectivas de experimentação, leitura, expressão e celebração do mesmo evento salvífico oferecidas pelas outras religiões. Daí se poder falar com pertinência de um novo paradigma para o cristianismo, decorrente do diálogo interreligioso.

A abertura é um dos traços característicos da identidade de

Jesus. Na trajetória da identificação com a causa de Deus, é que se plasmou a identidade própria de Jesus⁴. "Para Jesus, a causa de Deus — o seu Reino como salvação da e para humanidade é mais importante que sua própria vida. É justamente neste reportar-se e superar-se em Deus, que Jesus chama seu Criador e Pai, que está o significado mais verdadeiro de sua própria pessoa."⁵

A relação do cristianismo com as outras religiões deve ser caracterizada por uma atividade de abertura e justamente porque o Deus de Jesus constitui um "símbolo de abertura". O pluralismo das religiões não deve ser, portanto, julgado como algo problemático ou com um mal a eliminar, mas acolhido com alegria, enquanto um fenômeno rico e fecundo, que haure sua razão de ser no próprio desígnio de Deus.⁶ Na pluralidade das religiões emerge a transparência da "riqueza multiforme do mistério de Deus."⁷ Em seu recente livro, João Paulo II sublinha a existência de "uma raiz soteriológica comum a todas as religiões", que ele mesmo pôde verificar ao visitar os países do Extremo Oriente, encontrando-se com os representantes das grandes tradições religiosas, particularmente no histórico encontro de Assis. Ele constata que "em vez de nos espantarmos com o fato da Providência permitir uma tão grande variedade de religiões, nós deveríamos antes ficar admirados vendo nelas tantos elementos comuns."⁸

Deve-se compreender a diversidade religiosa não como resultado da limitação humana do pecado, mas sobretudo como um dom de Deus aos povos.

Deve-se compreender a diversidade religiosa não como resultado da limitação humana do pecado, mas sobretudo como um "dom de Deus aos povos"⁹. Muitas são as riquezas que Deus generoso prodigalizou aos povos (AG 11), e estas riquezas devem ser acolhidas no diálogo. O reconhecimento da atual experiência histórica do pluralismo religioso e a leitura teológica que busca compreender tal pluralismo como um dado de princípio que corresponde ao misterioso desígnio de Deus, não ferem absolutamente o dinamismo da ordenação à unidade. Esta unidade, porém, está radicada em Deus, no horizonte de seu Reino. A pluralidade das religiões, "que não se deve eliminar historicamente por princípio, é internamente nutrida e sustentada por uma unidade não mais tematizável nem praticável expressamente dentro de nossa história: ou seja a unidade de Deus (pelos cristãos confessado trinitário), enquanto essa unidade transcendente se espelha nas imanentes semelhanças de família entre essas religiões."¹⁰

A nível de experiência humana e de sua expressão a unidade está ainda em processo de realização mediante o diálogo, que suscita um recíproco enriquecimento e crescimento convergente para o horizonte final querido por Deus.¹¹ O diálogo aponta para a unidade de um destino comum de toda a humanidade: uma "viagem fraterna" na qual nos acompanhamos uns aos outros rumo à meta transcendente estabelecida por Deus para todos.¹² Ao longo dessa viagem as religiões tomam contato umas com as outras, o que não ocorre sem modificações e enriquecimentos mútuos. "Talvez não se deva lamentar, sem mais, o fato de que não se chegue à uniformização da aliança nem a unitária conformidade de doutrinas. Também o pluralismo interativo, a mútua e ativa presença do que se alcançou nas diversas tradições, é já ecumenismo em ato e universalidade efetiva, ainda que permaneçam a caminho. Se isto não produz a complacência do acordo expresso, mantém, ao contrário, a sensação viva do mistério, a não-monopolização do 'Deus sempre maior'. E, com ela, a humildade do oferecimento, sem renunciar por isso à glória gratuita da própria convicção."¹³

No horizonte religioso atual, o cristianismo não pode constituir-se em "imperativo categórico" universalizante, mas com a sua mensagem e vida deve, sim oferecer o testemunho como dom. Como sublinha Hans Küng, "esperar uma

religião mundial única é ilusão, e temê-la é contra-senso."¹⁴ Torna-se hoje imperativo para as religiões a afirmação de um ecumenismo planetário ou macroecumenismo que reconheça a singularidade da experiência da unidade na diversidade, perceba, respeite e alegre-se com a presença da graça que opera e frutifica em toda parte.¹⁵ O empenho fundamental que deve existir entre as religiões neste novo horizonte ecumênico vai no sentido de promover uma comunidade humana de afirmação da vida, uma comunidade fundada no encontro, na justiça e na paz. Dar vida a este mundo: este é o grande desafio enfrentado hoje pelas religiões. As religiões não podem existir para si mesmas, seu objetivo fundamental é fazer com que o humano viva mais próximo da divindade mediante a experiência do amor. Este é o grande sentido da oração sacerdotal de Jesus em favor da unidade no Evangelho de João: "para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim. (...) a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles" (Jo 17, 22-23.26).

Constata-se hoje que não pode haver paz no mundo sem paz entre as religiões, e a paz entre as religiões é requisito essencial para o diálogo entre as religiões.¹⁶ Este novo ecumenismo deverá ser um ecumenismo de responsabilidade, que aponte para a necessidade de um exercício entre as religiões de cooperação promotora da paz. Para isto é necessário humildade, abertura, acolhida, transformação e

um novo entendimento. Tendo as mesmas dimensões do povo universal de Deus, o novo rosto ecumênico sugere uma nova atitude: que se abraça "com muitos

braços e muitos corações o Deus único e maior"¹⁷ realizando na história a afirmação viva de seu desígnio de amor: dar vida aos humanos.

¹ MIRANDA, Mário França de. A configuração do cristianismo num contexto pluri-religioso. *Perspectiva Teológica* (70): 384, 1994.

² SECRETARIATUS Pro Non Christianis. L'atteggiamento della Chiesa di fronte ai seguaci di altre religioni. AAS, 76(9) n. 3 - septembris, 1984.

³ GEFERÉ, Claude. La rencontre du christianisme et des cultures. *Revue d'Etique et de théologie morale - Le supplément* (1): 87, mars 1995. Ver igualmente MIRANDA, Mário França de. A configuração... Art. cit., p. 384-387.

⁴ SCHILLEBEECKX, E. *Gesù la storia di un vivente*. 3 ed. Brescia, Queriniana, 1980.

⁵ SCHILLEBEECKX, E. *Umanità storia di Dio*, Brescia, Queriniana, 1992, p. 164.

⁶ Ibidem, p. 217; GEFERÉ, C. La place des religions dans le plan du salut. *Spiritus* (138): 84, 1995; Id. La singularité du christianisme à l'âge du pluralisme religieux. In: DORÉ, J. & THEOBALD, C. (Ed.) *Penser la foi*. Paris: Cerf, 1993, p. 353s.

⁷ GEFERÉ, Claude. La place des religions dans le plan du salut. Art. cit., p. 87.

⁸ JOÃO PAULO II. *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994, p. 88.

⁹ AMALADOSS, Michael. *Rinnovare tutte le cose*. Roma, Arkeios, 1993, p. 126.

¹⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Umanità la storia di Dio*. Op. cit, p. 220-221.

¹¹ Ibidem, p. 131-132.

¹² JOÃO PAULO II. A rappresentanti delle varie religioni del mondo a conclusione della giornata mondiale per la pace (Assisi, 27 ottobre 1986). In: PONTIFICIO Consiglio per il Dialogo Interreligioso. *Il dialogo interreligioso nel magistero pontificio*. Op. cit, p. 416. A mesma perspectiva vem apontada no final do belo documento *Diálogo e Anúncio*: "Todos os cristãos e os seguidores das outras tradições religiosas, são convidados por Deus mesmo a entrar no mistério da sua paciência, como seres humanos que procuram a sua luz e a sua verdade. Só Deus conhece os tempos e as etapas do cumprimento desta longa busca humana". PONTIFICIO Conselho para o Diálogo Interreligioso. *Diálogo e anúncio nº 84*. Ao tratar da busca da unidade com as Igrejas Orientais, João Paulo II avança uma reflexão que pode-se aplicar igualmente ao diálogo interreligioso. "Hoje estamos conscientes - e já foi reafirmado várias vezes - que a unidade realizar-se-á como e quando o Senhor quiser, e que ela exigirá o contributo da sensibilidade e criatividade do amor, talvez mesmo indo para além das formas já experimentadas historicamente". JOÃO PAULO II. *Oriente Lumen*. São Paulo, Paulus, 1995, nº 20.

¹³ QUEIRUGA, Andres Torres. *A revolução de Deus na realização humana*. São Paulo, 1995, p. 345-346.

¹⁴ KÜNG, Hans. Paz mundial - religião mundial - ethos mundial. *Concilium*, 253 (3): 163, 1994.

¹⁵ Vislumbra-se uma nova perspectiva em documentos mais recentes do magistério eclesial sobre o ecumenismo, ao se reconhecer a legitimidade das experiências cristãs fora dos limites da Igreja católica, merecedoras de todo o respeito. Experiências que devem ser motivo de alegria para os católicos, pois a graça de Deus também floresce e frutifica em seu interior: CONSELHO Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos. *Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas sobre o Ecumenismo*, Petrópolis, Vozes, 1994 a. 206 (p. 110).

¹⁶ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial; uma moral ecumênica em vista da sobrevivência da humanidade*. São Paulo, Paulinas, 1992, p. 7. O mesmo autor sublinha: "Ou nós teremos no terceiro milénio uma 'ocumene' pacífica ou nós não teremos mais nenhuma 'ecumene', não teremos mais uma terra habitada." Ibidem, p. 109.

¹⁷ MANIFESTO do Primeiro Encontro da Assembléia do Povo de Deus. Quito 14-18 de setembro de 1992. In: Adista, 3 luglio 1993, p. 9.

@ Como nos situamos diante da diversidade de religiões?

Tempo de plantar, tempo de colher

Por que o Brasil faz isso com seu povo?

Mario Monicelli é um espetacular diretor de cinema italiano. No Brasil, ele não tem a mesma fama de Fellini ou Antonioni, mas é gênio. Há um filme, dirigido por esse cidadão, que é simplesmente antológico. Chama-se "Os Companheiros". O filme retrata a primeira greve operária na Itália. Passa-se numa fábrica têxtil, primórdios da revolução industrial. Nesse local se cometeram as piores injustiças sociais.

Tudo começa com a chegada de um agitador, logo chamado de o Professor. Personagem magistralmente interpretado por Marcello Mastroianni. A grande tarefa desse senhor é fomentar, entre os operários, a consciência de seus direitos e, em seguida, propor a confrontação e a rebeldia.

Por sua influência, os operários começam a organizar um sindicato e a reivindicar certos direitos e melhores condições de trabalho. Não acostumados com essas novidades, os patrões reagem fortemente. Não cedem. Não escutam os clamores do novo tempo. A negociação torna-se praticamente

Antonio Mourão Cavalcante
Médico e antropólogo, professor universitário

impossível. Surge o impasse e com ele a greve.

A paralisação transcorre com tensões. Os patrões tentam cooptar os mais frágeis dizendo que eles perderão o emprego caso persistam na greve. Aliás, tem muita gente só esperando essa chance. Em seguida, ameaçam de soltar uma repressão mais forte, com Polícia e força.

O sindicato continua a se reunir e as instruções do Professor são firmes: "Não vamos ceder! Temos que continuar a luta! Sejam corajosos, companheiros!" A fome começa a se abater entre os parados. Não dá mais para agüentar. Alguns dizem que vão abrir. As mulheres e filhos reclamam comida. A pressão da barriga está cada vez mais forte.

Os líderes vão até o Professor expor a situação das bases. Não dá mais para resistir. Há mesmo gente pensando em falar diretamente com os patrões, fazer acordos em particular. O Professor se levanta e diz: "É hora de acabar com a greve!" Os líderes não entendem mais nada! Como abrir, se não conseguimos praticamente nada? Nossos companheiros dirão que não fomos fortes! E os patrões vão

zombar da gente! Isso é uma covardia. Por que você foi nos colocar nessa enrascada? Se era para abrir, por que fomos nos meter nessa briga? Quase que o Professor apanha nesse momento. Mas ele mantém-se calmo e firme: "É hora sim. Todos devem voltar ao trabalho!" Em uníssono os liderados perguntam: "E o que nós ganhamos com isso?" O Professor responde: "Uma coisa eles aprenderam. Da próxima vez vai ser pior!"...

As cenas de Monicelli vêm-me à mente, agora, quando observo o que se passa em nosso País. Quando escuto notícias vindas de Brasília — aumento exorbitante de salários para os de cima e arrocho para os de baixo — penso que podemos fazer o mesmo tipo de reflexão.

Isso é, ainda não tivemos força suficiente para promovermos as mudanças que desejamos. Os de cima ainda estão fortes e podem impor a regra do jogo. Eles ganharam. Continuam rindo do povo. Mas uma coisa é bom que eles tenham aprendido: da próxima vez será pior! A tolerância está gradativamente diminuindo. Começa a crescer uma consciência de que isto não pode continuar!

@ Temos aproveitado as oportunidades de falar, protestar, denunciar injustiças? Exemplos de oportunidades aproveitadas e perdidas.

@ Que oportunidades podemos criar para a nossa voz ser ouvida? Acesso ao rádio, à TV? Cartas a jornais? Participação em movimentos sociais?

@ O que mais podemos fazer como pessoas e como movimento?

"A verdadeira dificuldade não está em aceitar idéias novas mas em livrar-se das idéias antigas". (John Maynard Keynes).

Ainda não temos força suficiente para promover as mudanças que queremos, ainda vamos perder muitas batalhas, mas que todos saibam que não vamos calar.

Por isso, não cabe esse choro fácil que se observa tanto pela imprensa, em páginas e mais páginas de lamúria. Não. Simplesmente no embate atual das forças sociais, os privilegiados ainda detêm muito poder e souberam impor suas regras.

A cidadania brasileira ainda não tem poder suficientemente forte para impedir estes desmandos. A consciência cívica ainda está engatinhando. O clamor e a reprovação ainda não fazem eco capaz de estancar a fúria desses aproveitadores. Ainda vamos perder outras batalhas.

Mas, é bom que eles saibam, não vamos calar fácil!

Abrindo horizontes

José e Beatriz Reis

Como todos talvez saibam foi publicado o novo livro de Leonardo Boff: Ecologia grito da terra, grito dos pobres - Editora Ática. E esse livro foi premiado pelo Departamento Nacional do Livro, Ministério da Cultura, como o melhor ensaio social escrito em 1995. É um livro precioso. Talvez pelo número de páginas que contém - 341 - assuste alguns possíveis leitores, não acostumados a leituras e estudos mais prolongados.

Procuramos por isso apresentar aqui um resumo das partes que interessam mais diretamente aos leitores de Fato e Razão. E para não perder nada da riqueza e da beleza da exposição usamos as palavras, os trechos escritos pelo próprio autor.

Por isso vocês não encontrarão, nesta reflexão, nenhuma palavra nossa a não ser nos subtítulos. Todas e cada uma delas são exatamente copiadas, embora não as tenhamos colocado sob aspas. Os números entre parênteses, colocados após cada parágrafo, indicam as páginas de onde foram retiradas. Esperamos colaborar assim para que muita gente possa aproveitar, ao menos um pouco, do conteúdo rico e profundo com que Leonardo Boff nos brinda, a todos, nesse livro agora publicado.



Visão global

Em todas as culturas, na virada do eixo da História, se produz uma nova cosmologia. (...). Por cosmologia entendemos a imagem do mundo que uma sociedade se faz, fruto da *ars combinatória* dos mais variados saberes, tradições e intuições. Esta imagem serve de religação geral e confere a harmo-

nia necessária à sociedade, sem a qual as nações se atomizam e perdem o seu sentido dentro de um sentido maior.

Cabe à cosmologia religar todas as coisas e criar uma cartografia do universo.

Isto normalmente é feito pelas grandes narrativas cosmológicas (...). Cada grupo cultural (...) possui sua grande narrativa.

É a forma como os seres humanos se representam a origem do universo, seu lugar no cosmos, o sentido da caminhada humana, como o presente é o futuro do passado, qual o destino da humanidade e como tudo se religa com a divindade. Pela narrativa cria-se o sentido necessário para a vida (...) e desenha-se o quadro final para o universo. A narrativa tem o significado de conferir segurança e ordem à vida humana (63).

Com a era ecológica atravessamos os umbrais de uma nova civilização. Ela só será consolidada se transformações fundamentais ocorrerem nas mentes das pessoas e nos padrões de relação com o inteiro universo.

Para um novo Paradigma pede-se uma nova linguagem, um novo imaginário, uma nova política, uma nova pedagogia, uma nova ética, uma nova descoberta do sagrado e um novo processo de individuação (espiritualidade) (179).

Não existe nada de mais difícil de se executar, nem de sucesso mais duvidoso ou mais perigoso do que dar início a uma nova ordem de coisas, pois o reformador tem como inimigos todos os que ganham com a ordem antiga e como aliados apenas os que ganham com a nova ordem; mas estes geralmente são tímidos. (Maquiavel, o Príncipe) (203).

Entendemos que a salvação do planeta e de seus povos, de hoje e de amanhã, requer a revalorização de um novo projeto civilizatório. (cf. Tratado das ONGS – Rio de Janeiro, 1992) (203).

*Quem quer reformar
tem como inimigos
todos os que ganham
com a ordem antiga, e
como aliados apenas
os que ganham com a
nova ordem, mas que
geralmente são
tímidos.*

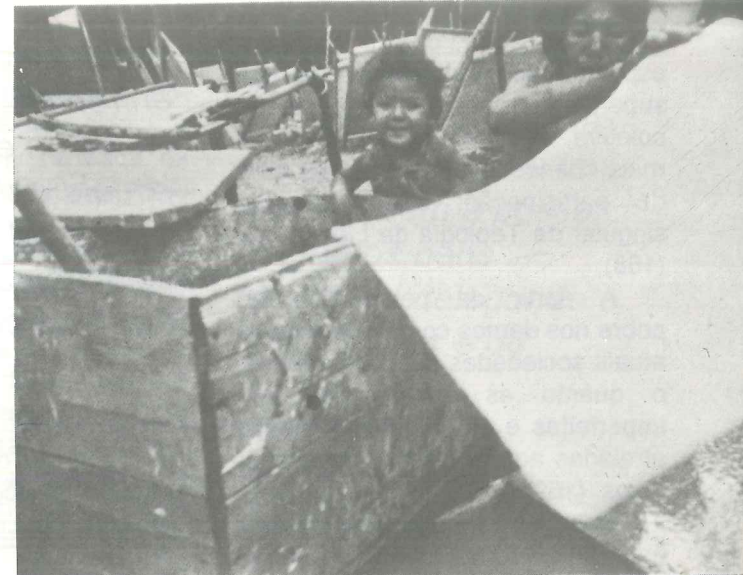
Pontos convergentes

A Teologia da libertação e o discurso ecológico têm algo em comum: partem de duas chagas que sangram. A primeira, a chaga dos pobres e da miséria, rompe o tecido social dos milhões e milhões de pobres no mundo inteiro. A segunda, a agressão sistemática à terra, destrutura o equilíbrio do planeta, ameaçado pela depredação feita a partir do tipo de desenvolvimento montado pelas sociedades contemporâneas e hoje mundializadas. (163).

Ambas as linhas de reflexão e de prática partem de um grito dos pobres por vida, liberdade e beleza (cf.: Ex. 3,7): a teologia da libertação; e o grito da terra que geme sob a opressão (cf. Rom 8, 22-23): a ecologia.

Ambas visam à libertação, uma dos pobres, a partir deles mesmos, como sujeitos históricos organizados, conscientizados e articulados com outros aliados que assumem a sua causa e a sua luta; e outra da terra mediante uma nova aliança do ser humano para com ela (...) (163).

A teologia da libertação parte de uma chaga que sangra: a da miséria, que rompe o tecido social dos milhões de pobres no mundo inteiro.



Como se situa a Teologia da Libertação diante da preocupação ecológica? Inicialmente devemos reconhecer que a Teologia da Libertação não nasceu no horizonte da preocupação ecológica (...). O fato maior a desafiar não era a Terra como totalidade ameaçada, mas os filhos e filhas da Terra explorados e condenados a morrer antes do tempo, ou pobres e oprimidos.

Com isso não significa dizer que as suas intuições básicas tenham pouco a ver com a ecologia. Elas têm a ver diretamente com ela, pois o pobre e oprimido são membros da natureza e sua situação representa objetivamente uma agressão ecológica. Mas tudo isso era pensado dentro de um horizonte histórico cultural estrito e no contexto da cosmologia clássica. (168).

O fato maior que deslanchou a

Teologia da Libertação ainda nos anos 60, foi a indignação ética (...) em face da pobreza e a miséria coletiva das multidões principalmente do então chamado Terceiro Mundo. Essa situação parecia e ainda pareceria inaceitável a partir de uma sensibilidade humana mínima e, *a fortiori* a partir da consciência cristã (...) (168).

A opção pelos pobres contra a sua pobreza e em favor de sua libertação constituía e continua a constituir o núcleo axial da Teologia da Libertação. Optar pelos pobres implica numa prática: significa assumir o lugar do pobre, sua causa, sua luta e no limite, seu destino muitas vezes trágico. (168).

Nunca, na história das igrejas cristãs, o pobre ganhou tanta centralidade. Procurar construir toda a Teologia a partir da perspectiva das vítimas para denunciar os mecanismos que as fizeram

vítimas e ajudar, com a bagagem espiritual do cristianismo, na sua superação mediante a gestação coletiva de uma sociedade com mais chances de vida, de justiça e de participação; eis a intuição singular da Teologia da Libertação. (168).

A partir da perspectiva do pobre nos damos conta o quanto as atuais sociedades são excludentes, o quanto as democracias são imperfeitas e as religiões e igrejas atreladas aos interesses dos poderosos. (169).

Cabe agora confrontar os dois tipos de discurso, aquele da ecologia com este da Teologia da Libertação. Na análise das causas do empobrecimento que aflige a maioria da população mundial, a Teologia da Libertação se deu conta da vigência de uma ordem perversa, a mesma lógica do sistema imperante de acumulação e de organização social que leva a explorar os trabalhadores leva também a espoliar nações inteiras e por fim a deprender a natureza. (172-173).

A humanidade poderá enfrentar ainda níveis de violência e destruição jamais vistos na face da Terra, a menos que, coletivamente, decidamos mudar o curso da civilização, deslocar o eixo da lógica dos meios a serviço da acumulação excludente para uma lógica dos fins em função do bem comum do planeta Terra, dos humanos e de todos os seres, no exercício da liberdade e da cooperação entre todos os povos. (177).

Ora, estas duas preocupações (...) constituem o conteúdo central

A humanidade poderá enfrentar níveis de violência e destruição jamais vistos, a menos que decida, coletivamente, mudar o rumo da civilização.

da Teologia da Libertação e da reflexão ecológica. (...). Por isso Teologia da Libertação e discurso da ecologia se exigem e se complementam mutuamente. (177).

O que buscam, tanto a Ecologia, quanto a Teologia da Libertação?

O que mais urgentemente se busca é a justiça social mínima para garantir a vida e sua dignidade elementar.

A partir da consecução desse patamar básico de justiça social (...) se pode postular uma justiça ecológica possível. (174).

Esta pressupõe, mais que justiça social. Pressupõe uma nova aliança dos humanos com os demais seres, uma nova cortesia com o criado e a gestação de uma ética e mística da fraternidade/sororidade para com a inteira comunidade cósmica. (175).

Atender a estes dois gritos de forma articulada, vendo a mesma causa raiz que os produz, é realizar a libertação integral. (175).

O quadro sócio-político para essa libertação integral é a democracia alargada e enriquecida (...) democracia que seja centrada na vida, a partir da vida humana mais humilhada. (175).

Não se pode separar justiça/injustiça ecológica. A agressão que se faz ao ser humano por causa da exploração da força de trabalho e das más condições de vida a que é submetido representa uma agressão à natureza. (...). O ser mais injustiçado da criação (...) (são) os pobres do mundo, pois estes são condenados a morrer antes do tempo, ou os povos em extinção, como os caiapós e os ianomânis do Brasil entre outros. Daí a razão impostergável da opção pelos pobres. (205).

(...) todos os seres da natureza são cidadãos, sujeitos de direitos, de respeito, de veneração. Disso se deriva uma exigência política de uma educação ecológica que ensine os seres humanos a conviver com seus irmãos e irmãs cósmicas numa mesma sociedade. (206).

O bem comum hoje não é mais apenas humano. É bem comum de toda a natureza. Inclui o direito ao futuro que todos os seres devem ter (...). Por isso a economia deve ser uma economia ecológica(...).

O propósito da economia ecológica é fazer sintonizar a economia da Terra com a economia dos seres humanos, visando à sustentabilidade e à qualidade da vida mundial, das pessoas e dos demais seres da natureza. (207).

(...) o sistema social imperante hoje no mundo, o neoliberalismo

O sistema introjeta, pelos meios de comunicação, a idéia de que a vida não tem sentido sem a posse de tantos bens materiais, relegando o valor do ser e do crescer.

com sua democracia formal, cria as subjetividades coletivas consoante os valores e ideais que lhe convêm. Como é um sistema assentado sobre o ter e a acumulação de bens materiais, incentiva poderosamente as necessidades de ter e de subsistir do ser humano, relegando dimensões mais fundamentais como aquela de ser e de crescer. (214).

Introjeta-lhes, pelos meios de comunicação, símbolos e proclamas poderosos que a vida não tem sentido sem a posse de certo número de bens materiais e de certos símbolos de prestígio e de poder (...) nega, dissimula ou aliena outra necessidade mais fundamental do ser humano, a de ser e de elaborar sua própria singularidade. Esta necessidade de ser demanda liberdade e criatividade, capacidade de opor-se eventualmente às convenções e ao sistema de valores dominante, exige coragem de abrir caminhos novos, pessoais e por isso realizadores. (214).

A partir da necessidade de ser, a pessoa pode integrar a necessidade de ter, sem sucumbir ao

feitiço de seu encantamento, pode compreender o significado do dinheiro e dos bens materiais sem cair sob sua obsessão, fazendo-os conscientemente mediações, para a vida e para a solidariedade. (214).

O ser humano vive eticamente quando mantém o equilíbrio dinâmico de todas as coisas, quando para preservá-lo se mostra capaz de impor limites aos seus próprios desejos. (211).

A política e a técnica estão submetidas a uma ética e a ética; por sua vez, demanda uma espiritualidade e uma mística. Caso contrário a ética se transforma numa moral da ordem alcançada e estabelecida e decai facilmente para o moralismo.

Quando nos referimos à espiritualidade e à mística apontamos para aquelas visões globais que fundam convicções poderosas que nos dão a força e o entusiasmo interior para definir um sentido para a vida e para encontrar um significado para o inteiro universo. Só uma mística e uma espiritualidade sustentam a esperança para além de qualquer crise e mesmo face a uma eventual catástrofe do Planeta Terra. (211).

As revoluções eclodem impreterivelmente como resposta a fenômenos novos que não conseguem mais ser compreendidos e enquadrados na compreensão até então vigente da ciência. (...) a mudança na estrutura mental vem imposta pelo fenômeno, pela própria natureza e em nenhum

Espiritualidade e mística apontam para visões globais do homem e do mundo que dão força e entusiasmo para definir um sentido para a vida e para o universo inteiro.

momento pela autoridade humana. (286).

Só triunfa aquela revolução que é resposta à necessidade imperiosa de mudanças sem as quais os problemas persistem, as crises se aprofundam e as pessoas perdem a esperança e o sentido da vida. A revolução apresenta o que deve ser. E o que deve ser têm força por si mesmo. Dispensa autoridades que a confirmem ou recusem, faz pouco caso dos conservadores e dos novidadeiros. As mudanças, por menores que sejam, fazem seu curso, deslocando velhos fundamentos e solidificando novos, sempre à condição de responderem a problemas reais ainda não respondidos. Eles não invalidam tudo o que foi construído anteriormente. Eles assumem o anterior e se abrem para a apreensão do novo, que exige para tanto uma nova teoria, uma nova linguagem e, por vezes, um novo paradigma. (287).

Trata-se de algo necessário para atender a uma demanda urgente que não está sendo atendida adequadamente. Por isso ela

Pertencem à realidade da morte os processos que conduzem à desestruturação da sociedade, como a opressão, a injustiça, o descuido com as condições de vida que desumanizam as realações humanas.



possui o caráter de uma revolução imposterável. (288).

O espírito do tempo representa uma necessidade incontornável do ser humano de uma visão de conjunto e de percepção de uma totalidade (...) deve ser construído como um dado ou como algo a ser construído coletivamente. (297).

A espiritualidade convencional das igrejas e da maioria das religiões históricas está vinculada a modelos de vida e de interpretações do mundo (cosmologias) que não correspondem a sensibilidade atual. Não raro deixam o universo, a natureza e a vida cotidiana fora do campo da experiência espiritual.

Daí ser importante conhecermos o melhor possível nossa cosmologia para podermos saborear melhor a grandeza e a glória de Deus. É criar as condições para que emerga a espiritualidade como algo tão entranhado que sequer precisemos pensar nele. Simples-

mente vivemos a presença de Deus em tudo e de tudo em Deus. (288).

O que se pede hoje (...) (é) uma atenção às mudanças e a capacidade de adaptar-se àquilo que deve ser em cada momento. E o que deve ser hoje é a salvaguarda do planeta e de todos os seus sistemas, a defesa e a promoção da vida a partir daquelas mais ameaçadas. (211).

A globalização da questão ecológica demanda consequentemente organismos globais que respondem pelos interesses globais. (204).

Se espírito é vida, então o oposto a espírito não é a matéria, mas a morte. E pertencem à realidade da morte os processos que conduzem à desestruturação e preparam a morte, como a opressão, a injustiça, o descuido das condições de vida que causam enfermidade e desumanização nas relações humanas, bem como a

destruição das paisagens e a perda do equilíbrio físico-químico dos solos e da atmosfera. (291).

Espiritualidade comporta pois um verdadeiro projeto que se confronta com a lógica da morte presente no processo atual de acumulação e do mercado total, expressões organizadas e supremas de ataque à natureza e à comunidade planetária. São excluídas e produtoras de um sem número de vítimas.

Hoje esta espiritualidade descobre as dimensões ecológicas de nossa responsabilidade pela paz, pela justiça, pela integridade de todo o criado. (291).

(A) espiritualidade está ligada ao espírito do tempo. Este é por excelência uma representação holística mais que um conceito delimitado e rigoroso. Por espírito do tempo entendemos as motivações poderosas, as forças espirituais e mortais que movem uma geração, as utopias que mobilizam as práticas, as sensibilidades que caracterizam a abordagem da realidade, as idéias geradoras e dominantes que compõem sentido à totalidade. Pertencem também ao espírito do tempo as manifestações contraditórias, as patologias coletivas e o que for considerado antivalor que também incidem nas práticas humanas. (...).

O espírito do tempo constitui a atmosfera comum onde todos respiram mais ou menos as mesmas convicções, sonham mais ou menos os mesmos sonhos, praticam mais ou menos os

A fé cristã não tem o monopólio da idéia de transformação do mundo mas se soma a outras forças que também assumem a causa dos pobres.

mesmos sentimentos. Numa palavra, o espírito do tempo é a cosmologia própria de cada tempo. (296).

O Espírito inaugura o novo e gera todo tipo de diversidades e, ao mesmo tempo, sua unidade. Esse Espírito "sopra onde quer, não sabemos de onde vem, nem para onde vai" (Jo 3, 19).

Ele exige atenção e abertura para captar os mínimos sinais de sua presença; portanto convida à desinstalação, à superação das identidades rígidas e definidas uma vez por todas, para acolhermos os processos que enriquecem estas identidades e as mantêm sempre vivas e atuais. (301).

Agora, no processo de cosmogênese consciente e de planetização da consciência humana deve uma espiritualidade poder identificar e saborear a ação do Espírito em todas as partes, em todas as culturas e povos, em todos os movimentos e projetos que mostrem e promovam a vida e a verdade da vida que é a comunhão e a comunicação. (302).

Importa que a fé cristã dê a sua contribuição na transformação das relações de justiça rumo a relações que propiciem mais vida e alegria

de viver na participação e na qualidade de vida razoável para todos.

A fé cristã não detém o monopólio da idéia de transformação, mas se soma a outras forças que também assumem a causa e a luta dos pobres, contribuindo com sua singularidade religiosa e simbólica, com sua maneira de organizar a fé do povo e sua

presença na sociedade. (169).

Não basta termos uma nova cosmologia. Como socializá-la e internalizá-la nas pessoas de forma que inspirem novos comportamentos, alimentem novos sonhos e reforcem uma nova benevolência para com a Terra?

Trata-se indiscutivelmente de um desafio pedagógico. (183).

@ Que relação existe entre as propostas da teologia da libertação e o movimento ecológico? Entre a pobreza e a destruição da natureza?

@ Se o ser humano é parte da natureza, como entender o domínio da natureza pelo homem, como é lido apressadamente na Bíblia?

@ O modelo de economia a que estamos sujeitos tem inspiração ecológica verdadeiramente humana? Está orientado à promoção da pessoa humana e à preservação da natureza? Exemplos.

@ Como seria o modelo de sociedade ideal, numa visão ecológica abrangente, preocupada com a humanização de todos os homens e mulheres, sem a destruição da natureza?

Livros recomendados

O encontro com Jesus Cristo vivo

Alfonso García Rubio

O autor traça, ao longo desta obra, um retrato vivo de Jesus Cristo, explicando melhor tudo aquilo que dele conhecemos e revelando outros aspectos de sua existência, às vezes inéditos para muitos cristãos.

Num estilo bastante direto e objetivo, em linguagem simples e didática, os capítulos do livro são expostos de maneira a interessar as pessoas empenhadas em saber mais a respeito desse eterno e sempre atual Jesus de Nazaré.

Afinal, através dos séculos, muitos livros já foram escritos sobre Jesus, muitos estudos foram feitos sobre a sua vida e sua personalidade, mas haverá sempre algo mais a desvendar sobre esse homem que encantou e conquistou o mundo com a sua mensagem de amor.



Coleção
Teologia do Povo.

Edições Paulinas
172 páginas.

A perda da inocência

Outrora, o futuro tardava. Da janela da casa, víamos a arquitetura externa modificar-se com a troca da quitanda pelo supermercado, a antiga loja de amarelinhos ceder lugar à lanchonete, a estrada ganhar asfalto. Hoje, pela janela eletrônica, o mundo transforma-se a cada segundo aos nossos olhos. Japoneses fanáticos podem atirar gás letal pelo vídeo de nossa TV, a quebra de um banco inglês em Cingapura afeta nossas Bolsas de Valores, Paul Newman, dentro de nossa casa, admite seu equívoco na entrega do Oscar.

Ingressamos na era da globalização. Graças às redes de computadores, um rapaz de São Paulo pode namorar uma chinesa de Beijing sem que nenhum dos dois saiam de casa. Bilhões de dólares são eletronicamente transferidos de um país a outro no jogo da especulação, derivativo dos ricos. Caem as fronteiras culturais e econômicas, afrouxam-se as políticas e as morais. Prevalece o padrão do mais forte. Globocolonização. O Brasil, que já teve uma poderosa indústria bélica, hoje mera sucata, dobra-se à imposição do governo dos EUA, que insiste em ser a única polícia planetária. De

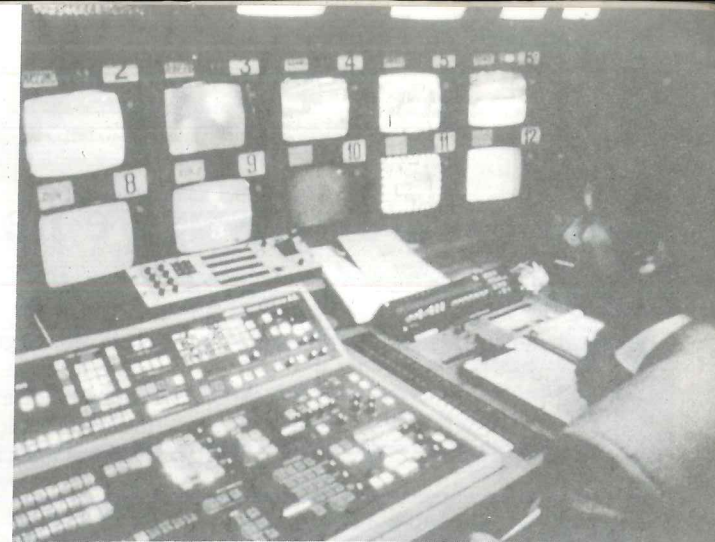
Frei Betto
Escritor

Washington, o FMI e o Banco Mundial controlam as economias do Brasil, da Polônia, do Senegal e da Malásia. No cassino global, só os ricos ganham, aos demais ilusões e pobreza.

A Globalização tem suas sombras e luzes. Destrói as culturas autóctones, corrói os valores étnicos e privilegia a especulação em detrimento da produção. Por outro lado, torna mais vulnerável o capitalismo, sistema que dá maior valor ao capital que à vida humana. Hoje o *crack* da Bolsa de Nova York, que afetou drasticamente a economia dos EUA em 1929, teria repercussões em todo o mundo. Com a mídia vigilante, os chefes de Estado já não podem fingir que ignoram certas questões. No Rio, foram obrigados a debater ecologia; em Viana, os direitos humanos; no Egito, o crescimento populacional; em Copenhague, a pobreza; e em Beijing, os direitos da mulher. Aguça-se, pois, a contradição entre o expansionismo econômico, acima de toda ética e soberania nacional, e os valores humanos.

Sob a avalanche eletrônica que reduz a felicidade ao consumo entramos por dois becos sem saídas. O primeiro, o mimetismo. O

As redes de computadores permitem que um rapaz de S. Paulo namorar uma chinesa de Beijing sem sair de casa. e que bilhões de dólares sejam transferidos de um país a outro em alguns segundos, de acordo com os interesses dos especuladores em busca do maior lucro.



que é bom para os EUA, é bom para o Brasil. A miamização de nossa cultura, ou seja, reduzida a mero entretenimento de quem se cerca da parafernália exposta nas vitrines dos shopping-centers. Percorremos aceleradamente o trajeto que conduz da esbeltez física à ostentação pública de celulares, da casa de veraneio ao carro importado, fazendo de conta que nada temos a ver com a dívida social. No segundo beco entra-se pela exacerbação étnica, pelo fanatismo religioso, pelo chauvinismo vociferante, pela intolerância que insiste em ignorar o pluralismo e a democracia, não apenas como igualdade de direitos e oportunidades, mas também como direitos de ser diferente.

Expostos à má qualidade dessa mídia eletrônica que nos oferta felicidade em frascos de perfume e refrigerante, alegria em maços de cigarro e enlatados, já não dá espaço para acreditar em Papai Noel nem tempo para curtir a infância. Perdemos a capacidade de sonhar sem ganhar em troca senão o vazio, a perplexidade, a perda de identidade. Em doses químicas a felicidade nos parece mais viável que percorrer o instigante caminho da educação da subjetividade. Mercantilizam-se as relações conjugais da ética da defesa dos direitos humanos e da busca incansável de um mundo sem fronteiras também entre abastados e oprimidos. Mas isso exige muita fé e certa dose de coragem.

@ O que entendemos por globalização? Exemplos.

@ Quais os aspectos positivos e negativos da globalização provocada pelo avanço das comunicações e da tecnologia? Exemplos.

@ Como aproveitar os aspectos positivos? E atenuar os negativos?

Clamor por justiça e paz

II *Grita a plenos pulmões, não te contenhas, levanta a tua voz como uma trombeta e faz ver ao meu povo a sua transgressão, à casa de Jacó o seu pecado" (Is 58,1).*

Retomamos a mensagem do Papa na abertura da Campanha da Fraternidade: "Vivei como irmãos e irmãs, deixando-vos conduzir pelo Espírito de Deus, rompendo com as cadeias do pecado e do egoísmo. Peço ao Todo-Poderoso que esta Campanha sirva como forte apelo a uma mudança pessoal e profunda de todos os cidadãos, a fim de que cada qual, vencendo o isolamento e o individualismo, saiba ser solidário com os demais: assumo o compromisso de empenhar-se, em espírito de autêntico serviço à comunidade, na construção de uma sociedade justa e fraterna, segundo seus dons e suas responsabilidades" (*Mensagem do Papa para a abertura da CF/96, 21/02/96*).

A Campanha da Fraternidade é um grande instrumento para desenvolver o espírito quaresmal de conversão, renovação interior e gestos concretos como a verdadeira penitência que Deus quer de nós em preparação à Páscoa: romper os grilhões da iniquidade, libertar os oprimidos, repartir o pão com o faminto, abrigar o sem teto, vestir quem está nú

Este precioso documento foi elaborado pelos bispos da Presidência e da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, para o lançamento da Campanha da Fraternidade de 1996. É dirigido não só aos católicos mas a todos os cidadãos e cidadãs do nosso país.

(cf. Is 58). O grande desafio que lançamos é de uma real articulação entre a Fraternidade e a Política, visando a profundas mudanças na maneira de conduzir nosso País, a começar por maior democracia e transparência no processo eleitoral que se aproxima.

Lembramos com muita dor os inúmeros fatos de violência que aconteceram no carnaval passado, e, mais do que isso, assassinatos sem conta e sem motivo e as chacinas diárias. A crescente desvalorização da vida humana nos deixa perplexos. Como ficar calados? Não dá para aceitar a violência como um processo natural, como uma epidemia incontrolável, mais forte que nós!

Sabemos que a falta de ética e de solidariedade aceleram a descrença na vida e aumentam a espiral da violência. Precisamos de polícia mais democrática e dotada de mais recursos, de aplicação mais eficaz das leis, que dêem um basta à impunidade, e de uma ação judicial mais rápida, eficiente e justa.

Vemos o crescente desemprego como prova de que a política de globalização da economia tem falhas estruturais. É uma política que dia a dia vem excluindo uma massa considerável de cidadãos e cidadãs do processo produtivo e distributivo, carregando ainda mais as armas da violência. Não é justo que se roube o pouco dinheiro dos pobres aposentados, dos pequenos produtores e dos trabalhadores em geral para injetar no sistema financeiro, salvando quem economicamente já está salvo ou já acumulou ingentes riquezas através da fraude e do roubo. Basta de sacrificar vidas para salvar Planos Econômicos.



Os bispos brasileiros se preocupam com a falta de uma política adequada de reforma agrária e o tratamento policial das invasões promovidas pelos sem-terra.

Preocupa-nos a falta de uma política adequada de Reforma Agrária e que a questão da terra esteja sendo tratada como caso de polícia. Nesse sentido, exigimos a aceleração dos esforços para uma solução justa dos conflitos agrários e a libertação imediata dos líderes do Movimento dos Sem Terra.

Tememos que essa situação vivida no País aumente a crise de confiança nas Instituições constatada pelo Papa João Paulo II. Repetimos com ele: "É preciso reagir, baseando-se nos valores da honestidade, da retidão e da dedicação generosa ao bem-estar da Comunidade" (CF/96).

É neste espírito que convidamos a todos os homens e mulheres de boa vontade a realizarem uma verdadeira conversão. Conversão que se inicia numa nova consciência do compromisso pessoal e intransferível com a fraternidade e a solidariedade e que se expressa, visivelmente, nos compromissos que assumimos na sociedade: atos contra violência, campanhas pela demarcação das terras indígenas e por ampla reforma agrária, defesa intransigente dos direitos trabalhistas adquiridos, luta por uma política econômica que garanta o emprego e a dignidade dos brasileiros.

@ O que nos cabe fazer para responder ao apelo dos nossos bispos?

@ Quais os valores que é preciso recuperar? O que depende de nós? O que devemos reclamar dos governos?

@ Qual é a conversão que os bispos esperam de cada um de nós?



"O que você vai ser quando crescer? A pergunta certa é outra: Quem você vai ser quando crescer?"

A conspiração do silêncio

Equipe de Redação

Há certamente uma cumplicidade orquestrada. Os meios de comunicação sonegam informações sobre temas incômodos ou as reduzem a discretos registros que passam despercebidos.

Por exemplo: acaba de realizar-se uma retumbante reunião mundial promovida pelas Nações Unidas para discutir o desenvolvimento social no mundo. Presidentes e Primeiros-Ministros de mais de cem países e 20 mil participantes do mundo inteiro se encontram em Copenhague e essa multidão conclui que "mais grave que a fome dos pobres é a inconsciência dos ricos". O encontro mostrou que o atual modelo de desenvolvimento econômico e tecnológico tem uma face perversa representada pela pobreza, o desemprego e a marginalização.

Mais de 1 bilhão de pessoas no mundo vivem na miséria e o desemprego já atinge 30% da população ativa. Cresce a quantidade de migrantes, sem-teto e crianças de rua. E esse quadro não é privilégio dos países subdesenvolvidos. Nos Estados Unidos aumenta a população de pobres, enquanto se estima que

60% dos atuais 30 milhões de desempregados na Europa nunca conseguirão emprego até o fim de suas vidas. Por enquanto, nesses países, o seguro-desemprego agüenta a sobrevivência desse enorme contingente, mas o sistema de seguridade social já dá sinais de exaustão. E não resolve a perda da auto-estima dos desempregados.

São as conseqüências do modelo econômico liberal, com a sua lógica diabólica de total subordinação às leis do mercado e irrestrita liberdade de movimentação de capitais. Assim se vem modelando um desenvolvimento tecnológico gerador de desemprego pela automação e robotização das atividades industriais e pelos avanços da informática.

Essas reflexões suscitadas pela reunião de Copenhague não mereceram sequer a décima parte do espaço dedicado às aventuras do Romário, porque não convém difundir a crítica ao sistema que aos anunciantes e patrocinadores da mídia interessa preservar.

Outro exemplo: a Câmara dos Deputados vem investigando o trabalho escravo no Brasil, colhendo depoimentos

impressionantes. Silêncio nos meios de comunicação. Ouvimos do Padre Ricardo Resende, marcado para morrer em Rio Maria, um relato emocionante do que se passa no sul do Pará e em vastas regiões da Amazônia. Estima-se que são 100 mil os escravos confinados nas imensas fazendas do norte. Trabalhadores são enganados com promessas de trabalho e acabam confinados em fazendas de 100 ou 200 mil hectares, totalmente isolados e guardados por jagunços, contra a tentação de fugir.

O que caracteriza o trabalho escravo é a obrigação de trabalhar para pagar dívidas contraídas. A dívida inicial é o custo do transporte de sua cidade até a fazenda. Vai aumentando com as compras de alimentos no armazém da fazenda, única opção de comércio, com preços fixados de modo a assegurar a impossibilidade de pagamento das dívidas com o salário. Assim, o trabalhador estará sempre endividado e obrigado a trabalhar para sempre, em condições aviltantes. Os que tentam fugir são assassinados. Os líderes sindicais que tentam organizar os trabalhadores e denunciar a escravidão são caçados e mortos. A polícia não investiga. A justiça não julga nem réus confessos.

É que os donos das fazendas não são apenas rudes



"Mais grave que a fome dos pobres é a inconsciência dos ricos".

proprietários rurais da região mas grandes empresas, bancos e grupos financeiros do sul. Importantes anunciantes e patrocinadores da mídia. É melhor o silêncio. Não vamos aborrecer organizações importantes com essas suspeitas distantes e irrelevantes.

Com essa conspiração do silêncio, os temas que o povo discute serão os da agenda dos governos e da mídia, jamais a agenda da gente sofrida deste país e do resto do mundo.

@ Conhecemos casos de trabalho escravo, na nossa cidade ou região? O que sabemos sobre essa questão no resto do país?

@ O que podemos fazer para romper com essa escravidão moderna?

O MFC e a reforma agrária.

O Movimento Familiar Cristão enviou cartas ao Presidente da República e ao Ministro Extraordinário da Política Fundiária, com cópia a Deputados e Senadores, pedindo urgência para a reforma agrária e apresentando as seguintes proposições para uma justa política fundiária em nosso país:

Proposições do MFC para uma política fundiária.

1. Adoção de alíquotas mais elevadas para o Imposto Territorial Rural para terras não produtivas, progressivamente crescentes proporcionalmente à área da propriedade, como instrumento de desvalorização das propriedades improdutivas, e indução a negociações favoráveis ao governo, seja pelo caminho da desapropriação, seja em operações de compra e venda a partir de ofertas espontâneas dos proprietários, estimuladas pelo peso dos ônus tributários.
2. Abertura de negociações para liquidação de dívidas de proprietários rurais com o Banco do Brasil através de dação em pagamento de terras adequadas à reforma agrária, assumindo a União as dívidas com o Banco, a serem compensadas mediante operações de capita-lização daquela instituição oficial que se anunciam necessárias e urgentes.
3. Aumento do valor de mercado dos TDAs utilizados nas desapropriações, mediante ampliação de suas aplicações e liquidez, especialmente no seu uso em operações de privatização, pagamento de impostos gerados por atividades agrícolas, amortização ou liquidação de dívidas vencidas de empresas agropecuárias com a previdência social e outros, para reduzir resistências e recursos judiciais que retardam a eficácia das medidas tomadas.
4. Ampla investigação, por amostragem, sobre a autenticidade da titulação de propriedade de grandes latifúndios e de áreas sobre as quais já existem fundadas suspeitas de irregularidades, grilagem e falsificação de documentos, com penalização exemplar de fraudes apuradas, com adequada divulgação, com vistas a incentivar a

iniciativa de ofertas de terras de titulação duvidosa, para fins de reforma agrária.

5. Adequação da legislação vigente ao que dispõe o Art. 186 da Constituição Federal, com a regulamentação do princípio da função social da propriedade da terra, com a simplificação do rito de desapropriação que possibilite a imediata imissão de posse das terras desapropriadas, com a adoção de rito sumário, por interesse social.
6. Adoção de múltiplas formas de assentamento, dentre as quais o arrendamento ou comodato, por prazo definido, renovável sob condições, intransferível ou somente transferível sob rigorosas condições estipuladas no contrato, para coibir a cessão de direitos que levaria os assentados a retornarem à condição anterior.
7. Adoção de formas alternativas de beneficiários dos assentamentos, adequadas a cada caso ou região, sejam famílias ou grupos de famílias em consórcio ou condomínio, sejam, preferencialmente, cooperativas agrícolas constituídas por número maior de famílias, capazes de assegurar o uso mais racional da terra e autosuficiência econômica em menor prazo.
8. Aparelhamento da EMBRAPA para o apoio às famílias assentadas ou às cooperativas constituídas para trabalhar as terras doadas ou arrendadas pelo governo, com vistas a uma consistente evolução de uma inicial agricultura de subsistência para uma atividade produtiva estruturada que aumente progressivamente a produção de alimentos no país, mediante o uso de tecnologias simples adaptadas a cada situação, e a educação e o treinamento para a gestão racional da produção.
9. Criação de linhas favorecidas de financiamento às famílias assentadas e às cooperativas constituídas, durante o prazo estimado para que a produção se torne autofinanciável.
10. Participação de lideranças dos grupos de famílias sem-terra, de todas as regiões do país em que o problema se apresenta mais grave, constituídas em órgão consultivo do Ministério Extraordinário de Política Fundiária, na elaboração das políticas para a reforma agrária, escolhas de prioridades e modelos de distribuição de terras e assentamentos, e demais medidas a serem tomadas pelo governo, de modo a assegurar que tais medidas sejam factíveis e realistas e correspondam às aspirações e expectativas dos seus beneficiários.

Orações comunitárias no compromisso com os pobres

I

Caminheemos com os passos dos pés.

● Leitura:

"Com o pensamento eu viajo até onde eu quero, num instante. Mas o corpo não acompanha. Com os olhos eu viajo até o horizonte, num instante. Mas o corpo não acompanha. O corpo só acompanha o passo dos pés! Eu já viajei muito com o pensamento e com os olhos. Mas andava só, separado dos meus companheiros, que só andam no passo dos pés. Isso não tinha vantagem, pois não ajudei a formar o povo. Agora, estou voltando atrás, até onde estão os meus companheiros, para seguir com eles, no passo dos pés, e formar assim o povo de Deus!"

Carlos Mesters

● Oração comunitária:

- (C) Não seja a nossa reflexão desligada da ação concreta que deve ser dirigida especialmente aos mais necessitados de apoio.
- (T) Caminheemos com os passos dos pés.
- (C) De que adiantam boas intenções, se não nos colocamos ao serviço efetivo uns dos outros?
- (T) Caminheemos com os passos dos pés.
- (C) Nossos pensamentos podem caminhar depressa até o horizonte, mas isto de nada servirá se não estivermos trabalhando, ombro-a-ombro, com os nossos irmãos, mais carentes e marginalizados que cada um de nós.
- (T) Caminheemos com os passos dos pés.
- (C) Senhor, ilumina a nossa mente e dá força a nossos braços e nossos pés, para que a reflexão e a ação se alimentem mutuamente, em cada um de nós, refletindo-se na nossa presença comprometida no mundo, responsáveis todos pela construção de uma ordem social mais justa.
- (T) Caminheemos com os passos dos pés. AMÉM.

II

As razões dos pobres são sinos de madeira.

● Leitura:

A sabedoria dos povos, portadora do profundo sentido cristão da vida, encontra, na poesia popular, um dos seus lugares privilegiados de expressão:

*"Vive a ave em seu ninho,
O tigre vive na selva
A raposa na toca alheia,
Só o gaúcho vive errante
Aonde a sorte o leva.*

Porque:

*Para ele são os calabouços
Para ele as duras prisões,
Em sua boca não há razões,
Ainda que razão lhe sobre:*

***Que são sinos de madeira
As razões dos pobres".***

(de um poema de José Hernández)

● Oração comunitária:

- (C) Os pobres, antes de constituir para a Igreja uma classe social, cujos interesses se contrapõem aos de outra, são todos aqueles que se encontram sem defesa. São os injustiçados, porque não conseguem fazer valer seus direitos ante à justiça, tantas vezes controlada pelos que detêm o poder.
- (T) São sinos de madeira as razões dos pobres.
- (C) Jesus escolheu os pobres como destinatários preferidos do anúncio do Reino de Deus.
- (T) São sinos de madeira as razões dos pobres.
- (C) Aos poderosos e opulentos convertidos com os humilhados e ofendidos. Só a partir dos pobres serão salvos. É necessário voltar-se para eles, e caminhar com eles, no passo dos pés.
- (T) São sinos de madeira as razões dos pobres.
- (C) Senhor, ajuda-nos a nos libertarmos de todas as formas de opressão, especialmente da opressão do egoísmo, do orgulho, e da ânsia do poder e da segurança.
- (T) AMÉM.

III

Quem são os pobres no Sermão da montanha?

● **Leitura: (Lc 6, 20 – 24)**

*"E Jesus, levantando seus olhos para os seus discípulos, dizia:
Bem-aventurados os pobres, porque vosso é o Reino de Deus!
Bem-aventurados os que tendes fome, porque sereis saciados!
Bem-aventurados os que choráis agora, porque haveis de rir!
Bem-aventurados sois quando vos odiarem os homens, vos
apartarem de si, insultarem e proscreverem o vosso nome como
infames, por causa do Filho do Homem!*

*Alegrai-vos nesse dia e exultai, porque será grande, no céu, a
vossa recompensa!*

Foi assim, na verdade, que seus pais trataram os profetas.

Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes o vosso consolo!

Ai de vós, que estais fartos, porque haveis de sentir fome!

*Ai de vós, que agora estais rindo, porque conhecereis o luto e
o pranto!*

Ai de vós, quando todos falarem bem a vosso respeito!

*Foi assim, na verdade, que seus pais trataram os falsos profe-
tas".*

● **Oração comunitária:**

(C) Para que seja verdadeira a nossa opção preferencial pelos pobres.

(T) E vivamos a austeridade e simplicidade.

(C) Para que aprendamos a ver e julgar tudo pelos olhos dos mais pobres.

(T) E sejamos coerentes com esta visão e julgamento.

(C) Para que nos façamos pobres com os pobres, e tudo que somos esteja a serviço dos mais fracos e oprimidos.

(T) E não se apliquem a nós as condenações de Jesus.

(C) Rezemos ao Senhor.

(T) Senhor, escutai a nossa prece.

IV

Eu vos anuncio a consolação.

(Jorge de Lima)

*Os pobres, que só tem sua pobreza e nada mais;
Os moribundos, que só contam com o seu fim e nada mais;
Os fracos, que só possuem sua fraqueza e nada mais;
podem andar sobre as águas do mar.*

*Os que tem rebanhos de máquinas,
os que estão pesados de crime e de ouro
ou de ódio ou de orgulho,
esses se afundarão.*

*Chamaremos um que a guerra comeu quase todo
e só deixou os joelhos caídos no chão.
Esse correrá mais depressa que a luz.*

*Chamaremos um que apagou a vida, que Deus lhe entregou,
essa ruindade da terra estragou com seus vícios.
Esse, Deus lhe dará uma vida de novo.*

*Chamaremos um que avistou o primeiro minuto.
E morreu.*

Um que queria sorrir e nasceu sem ter lábios.

Esses serão consolados.

Esses ficarão à direita da Mão.

(T) Jesus não os julgou nem recriminou.
Mas os chamou bem-aventurados.

(C) Para que saibamos nos desapegar dos bens materiais e viver a pobreza exaltada no Sermão da montanha, peçamos luz e coragem ao Senhor.

(T) Senhor, dai-nos luz e coragem.

(C) Senhor, livrai-nos da tentação da busca desenfreada do poder, do dinheiro, do prazer sem limites, às custas dos que vivem em condições desumanas e indignas.

(T) Senhor, livrai-nos do egoísmo e do orgulho. Amém.

Droga: a vida é melhor vício

"Drogas são substâncias naturais ou sintéticas que, ao penetrarem no organismo humano sob qualquer forma — entram diretamente na corrente sanguínea, atingem o cérebro e alteram seu equilíbrio, fazendo com que a pessoa sinta tudo "diferente".

O porquê

Os motivos que podem levar alguém a provar ou usar ocasionalmente as drogas são:

- a) curiosidade e busca do prazer;
- b) influência dos amigos;
- c) prazer imediato que produzem;
- d) fácil acesso e obtenção;
- e) desejo ou impressão de que elas podem resolver todos os problemas ou aliviar as ansiedades.

Estas são também razões para a utilização abusiva de drogas. Muitas pessoas usam drogas — a primeira vez pelo menos — por causa de seus efeitos prazerosos. A curiosidade, a busca de prazer, a atração do "barato" e o modismo, são as principais razões para a primeira experiência.

Cruz Vermelha, RS

A maioria dos adolescentes nos estágios iniciantes do uso de drogas vêem a "viagem" como uma experiência agradável e positiva. Some-se a isso a fase extremamente crítica da adolescência, quando aumentam os questionamentos, a insegurança e a revolta contra o sistema.

A droga pode parecer uma saída nesses casos. Mas as drogas apenas escondem sentimentos e problemas ruins ou desagradáveis por um breve momento — elas não os fazem desaparecer para sempre.

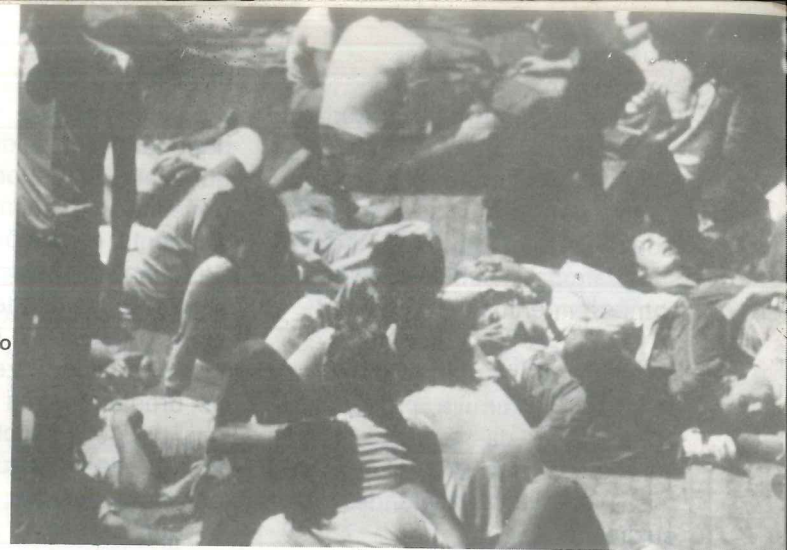
Características/sintomas

Existem algumas características comuns àqueles que fazem uso de drogas. São elas:

*** Mudanças de humor e de personalidade. Menos personalidade** — Os usuários de drogas podem parecer felizes num momento e tristes no seguinte. Podem ter sentimentos fortes e anormais de pânico, ansiedade e medo. Desconfiam de todos, tornam-se irritadiços, nervosos, dissimulados, mal-humorados e pouco afetuosos.

*** Mudança de amigos, passatempos, interesses.** Solicitação de

Infelizmente é crescente o número de jovens que embarcam na aventura da droga, viagem que para muitos não terá volta.



maior privacidade. Dificuldade de comunicação — Os usuários de drogas podem, subitamente, perder o interesse pelos estudos, esportes e demais atividades de que sempre gostaram. Mudam a linguagem, o corte do cabelo e seu modo de vestir. Eles podem matar aula, não fazer os deveres de casa, mudar de amigos ou afastar-se de seu círculo habitual, e ser relutantes em falar sobre seus atuais amigos e o que eles fazem;

* Deterioração física e mental

— Aumento dos sentidos do tato, paladar ou olfato, aumento do apetite (no caso de uso de álcool ou maconha); raciocínio ilógico ou incoerente, perda de peso;

Parecem doentes ou cansados, apresentando sintomas de resfriado crônico, tais como olhos vermelhos, nariz escorrendo, dores de cabeça, manchas roxas inexplicáveis, sangramento de gengivas, fraqueza muscular e tremor nas mãos.

* Odores e objetos estranhos

— Algumas vezes, costumam deixar sinais à volta e em seus quartos, tais como: cheiros estranhos, desodorantes para encobrir o cheiro da droga, incenso, cachimbos, papéis para enrolar "baseados" etc.

Como evitar

Aqui vão algumas sugestões para ajudar a "fazer a guerra" contra o uso das drogas:

- 1 - Aprender tudo sobre o assunto. Quanto mais se souber, mais se entenderá quanto mal podem fazer;
- 2 - Procurar resistir à influência negativa dos colegas, trocando de amigos, mudando o círculo de amizades. Tentar envolver-se em atividades onde se encontram novas pessoas, em que se tenha a satisfação de estar bem

consigo mesmo.

3 - Conversar, de forma construtiva, e não crítica, com os pais, filhos, amigos e professores. Ao mesmo tempo, ter sempre definidas regras firmes e limites sobre drogas, bebidas e outros comportamentos;

4 - Passar o tempo, durante a semana, em família, procurando aproveitá-lo da maneira mais agradável, produtiva e criativa possível, com atividades de qualidade.

A decisão principal que se deve

tomar é de não começar a usar drogas. A melhor forma de evitar problemas é não experimentar. A dependência pode ser consequência de fatores tais como genética, personalidade, meio ambiente e relações sociais, além de atingir qualquer pessoa, independente de idade, classe social, credo ou cor. O ideal é evitar a primeira dose. Dizer "sim" ou "não" às drogas é uma opção de cada um, pois é a escolha de um caminho de vida. Ninguém pode decidir por outra pessoa, tendo-se portanto, que assumir a responsabilidade pelas atitudes tomadas.

@ Quais os motivos que levam o jovem a experimentar a droga?

@ Como se reconhece uma pessoa drogada?

@ Como evitar o uso de drogas pelos jovens e adultos na nossa cidade?



A solidariedade e a reciprocidade

"Se Deus nos fez à sua imagem, deveríamos ver Deus em cada irmão. Assim, a solidariedade, a união, a bondade, a reciprocidade e sobretudo o amor estariam sempre presentes. A convivência entre os homens seria amena e cordial. Por que isso não acontece e cada dia se torna mais difícil aceitar o próximo e com ele conviver? É que nas relações humanas nunca se busca no outro a semelhança com Deus. Se as pessoas ao se relacionarem dessem ênfase às suas semelhanças e as buscassem umas nas outras, todo relacionamento estaria fadado ao sucesso. O que vemos é o inverso. As pessoas buscam nas outras seus defeitos, suas diferenças, que exaltam e proclamam. Observe como as pessoas mais humanas sempre têm uma palavra elogiosa, um agrado a oferecer às outras. Buscam semelhanças que tornem o convívio agradável. Se a pessoa procurada retribui o elogio e busca no outro a presença de Deus, esse relacionamento é sempre promissor e positivo, pela reciprocidade, esse dom maravilhoso de saber dar, receber e retribuir". (Edson Costa, MFC Juiz de Fora, MG).

Livros recomendados

Amor e Casamento

Livro para noivos, editado pelo MFC para uso nos cursos de preparação ao casamento (18a. edição).

O Assunto é Casamento

Livro para uso de agentes de pastoral de preparação ao casamento, com ampla orientação sobre conteúdos e metodologias (8a. edição).

Ponto de Partida

Temário de reuniões de grupos de casais ou comunidades familiares, no início de uma caminhada em movimentos familiares (5a. edição).

Um Passo Adiante

Temário de formação para equipes de casais ou comunidades familiares, em etapa de aprofundamento em movimentos familiares (5a. edição).

Pés na Terra

Temário para revisão de vida e aprofundamento, em equipes de casais e comunidades familiares de movimentos de leigos.

Eis o MFC

Livro que define a identidade do MFC, seu ser, sua vida, sua ação, leitura necessária e apoio à capacitação de seus membros.



Edições MFC
Movimento
Familiar Cristão

Pedidos à Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
30160-031 Belo Horizonte - MG
Tel. (031) 222-5842